

UF B

CFP
CENTRO DE FORMAÇÃO
DE PROFESSORES



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM AMARGOSA-BA:

*memórias de uma alfabetizadora
a partir do MOBREAL e do MEB*



AMARGOSA-BA
2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE PEDAGOGIA**

SANDRO MOURA OLIVEIRA DA ANUNCIÇÃO

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM AMARGOSA-BA:
memória de uma alfabetizadora a partir do MOBREAL e do MEB**

AMARGOSA/BA

2022

SANDRO MOURA OLIVEIRA DA ANUNCIÇÃO

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM AMARGOSA-BA: memória
de uma alfabetizadora a partir do MOBRAL e do MEB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Pedagogia, Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Pedagogia. Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Gilsélia Macedo Cardoso Freitas
Coorientador Prof.^o Dr^o Franklin Kaic Dutra-Pereira

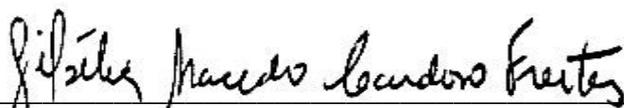
**AMARGOSA/BA
2022**

SANDRO MOURA OLIVEIRA DA ANUNCIÇÃO

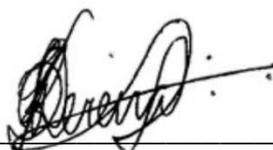
**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM AMARGOSA-BA: memória
de uma alfabetizadora a partir do MOBRAL e do MEB**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi submetido à Coordenação do Curso de Graduação em Pedagogia como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, outorgado pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

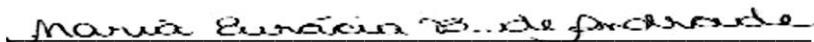
Aprovado em 01/08/2022.



Orientadora- Prof^a Dr^a Gilsélia Macedo Cardoso Freitas
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.



Co-orientador - Prof. Dr^o Franklin Kaic Dutra-Pereira
Universidade Federal do Recôncavo Da Bahia



1^o Membro - Prof^a Dr^a Maria Euracia Barreto de Andrade
Universidade Federal do Recôncavo Da Bahia



2^o Membro - Prof^a Dr^a Mariana Martins de Meireles
Universidade Federal do Recôncavo Da Bahia

Dedico esta pesquisa, confirmação de todo meu amor e carinho que nutro pelo Ensino de Jovens e Adultos, a todas as pessoas que em algum momento de suas vidas tiveram que abandonar os estudos, mas com luta e determinação voltaram a sala de aula, dedicados, determinados e predestinados a aprender e a adquirir mais conhecimento. Com alegria, também, dedico este trabalho aos meus pais, Marinalva e Gilson.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradecer aos meus pais, Gilson Lemos da Anunciação (*In memoriam*) e Marinalva Moura Oliveira da Anunciação, pela criação honrosa e por fazer ser a pessoa que sou hoje, sobretudo por estarem presentes em todos os momentos da minha vida, cumprindo a missão que Deus confiou-lhes. Ainda, de serem, mãe e pai, professores batalhadores, não deixaram se abater pelas intempéries da vida, mesmo sabendo que a presença do meu pai não é mais carnal, o tenho em alma e pensamento, diante da sua presença constante, me apoiando em cada boa atitude e corrigindo-me em cada erro cometido, energia emanada espiritualmente.

Nestes meus agradecimentos, não poderia esquecer de todos os meus entes queridos que se foram, mas que fizeram e fazem parte da minha vida, me dando apoio moral e ético, para que eu andasse sempre com respeito à vida e amor ao próximo, por isso, dedico o meu trabalho ao saudoso primo/tio Valdemir Santana de Moura, que nos deixou de forma repentina e dolorosa, infelizmente, não estar presente em corpo, mas de onde estiver, verá a minha defesa para colação de grau.

Obrigado a toda minha família, a todos os Mouras que fazem parte da minha construção, sem vocês, não chegaria até aqui e nem alcançaria novos voos, que irei fazer.

Vale destacar a enorme participação da minha companheira Elaine Almeida, e quem sempre se mostrou ser uma pessoa confiável para que eu pudesse ter um ombro e um aconchego nos momentos mais difíceis da vida, uma companheira da vida e de universidade, a pessoa que iniciou o projeto de estar cursando um ensino superior junto comigo, que esteve ao meu lado durante todo o processo formativo, capaz de tirar minhas dúvidas, pegar no meu pé, me tirar do marasmo e me fazer ser quem eu me tornei, dedicado com o ensino e com a alfabetização, determinado em somar muito para o processo educativo humano, por isso, jamais deixarei de agradecer infinitas vezes, por ter sido meu alicerce dentro e fora da universidade. Amor é o que resume toda minha gratidão e admiração, sei que assim como serei, ela também será uma enorme educadora, motivada a querer ajudar as pessoas e dedicar-se fielmente à educação.

Agradeço a Deus por ter colocado em meu caminho, professores tão comprometidos com a educação, gratidão em especial a Prof. Dr^a Gilsélia Macedo

Cardoso Freitas, ou como é carinhosamente chamada, Prof. Zélia, que me proporcionou a felicidade de tê-la como orientadora, sendo inegável e inquestionável a sua extensa sabedoria e seu amor por cada aluno e orientando, ajudou-me do início ao fim.

Fico eternamente grato pela ajuda do Profº Drº Franklin Kaic, que aceitou ser meu co-orientador sem nem ao menos me conhecer, agradeço pelo carinho, dedicação e pelas conversas que tivemos neste período, tenho certeza que ele fará e faz parte desta batalha vencida, ao senhor, professor, eu só tenho GRATIDÃO, muito obrigado por tudo.

Agradeço, também, às professoras Mariana Martins de Meireles e Maria Eurácia Barreto de Andrade, por fazerem parte deste momento tão especial, que é a apresentação deste trabalho, que é a confirmação de tudo que acredito, da minha fé e dos meus ideais, por uma educação transformadora e libertadora.

De forma bastante especial também, quero agradecer imensamente a outra educadora que fez tudo isso acontecer, pessoa bastante conhecida, por sua voz, irreverência, inquietude e luta por direitos dos oprimidos, Rose Mary, que durante 15 anos da sua vida dedicou-se a alfabetizar jovens, adultos e idosos, contribuindo através do MEB para a transformação da realidade dos sujeitos do campo de Amargosa, conscientizando-os dos direitos e lutando por dignidade e por uma vida mais humanizada ao aprender ler, e escrever.

Quero agradecer, aos meus colegas de turma e de forma especial a Elaine, Marisa, Suely e Josinete, pessoas que estiveram presente desde o nosso início, onde formamos quarteto fantástico, sempre em sintonia e dedicação aos trabalhos acadêmicos, jamais me esquecerei de cada momento e cada seminário que nós fizemos juntos, pois educar é a arte de ensinar e de amar e tenho certeza que elas também desempenha essa linda profissão com maestria.

Por fim, agradeço a ajuda de Daniel Conceição, que tirou algumas horas do seu tempo para me ajudar no meu processo de elaboração para conclusão deste trabalho de curso, me mostrando pontos e caminhos a serem trilhados. É quase impossível poder tecer em palavras todo meu carinho e admiração, ótimo colega e pedagogo que leva consigo, assim, como eu, todos os ensinamentos e orientações das Professoras Gilsélia e Maria Eurácia. **MUITO OBRIGADO DAN**, você faz parte desta vitória.

ELAINE, MAINHA E TIA NOLE VOCÊS SÃO TUDO NA MINHA VIDA.

“Já deixou de ser um sonho, é possível alfabetizar
Aquele que não conseguia, seu próprio nome assinar
Agora vai para escola, para ensinar e aprender
Estudando a própria vida, esta é a lição do ABC”

(Rose Mary)

ANUNCIAÇÃO, Sandro Moura Oliveira da. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM AMARGOSA-BA: memória de uma alfabetizadora a partir do MOBREAL e do MEB.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2022.

RESUMO

O presente trabalho intitulado Educação de Jovens e Adultos em Amargosa-Ba: memória de uma alfabetizadora a partir do MOBREAL e do MEB, tem o intuito de investigar e compreender a alfabetização jovens e adultos, sobretudo nos programas MOBREAL e MEB, sob o manto dos deslocamentos, resistências e retrocessos no município de Amargosa/Ba, bem como, relatar percepções, pensamentos e memórias de uma alfabetizadora do MEB e analisar o processo histórico do MEB e do MOBREAL. A pesquisa constituiu-se no caráter qualitativo, com método de pesquisa biográfico, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas baseadas na conversação com uma alfabetizadora. Na sequência, a mesma apresenta a articulação dos referenciais teóricos que auxiliaram no desenvolvimento das discussões e resultados, como Arroyo (2014), Arroyo (2017), Fávero (2006), Fávero (2004), Freire (1986), Freire (1987), Freire (1989), Freire (2002). Esta pesquisa mostrou por meio da experiência de causa da alfabetizadora como os movimentos populares de educação, a exemplo do MEB, tiveram importância histórico social em alfabetizar os sujeitos do campo e marginalizados do município de Amargosa-BA, permitindo que os mesmos lutassem por uma vida mais digna e humana através de uma educação libertadora, contribuindo para compreender um pouco da história da educação destinada aos trabalhadores do campo no município.

Palavras-chave: EJA, Alfabetização, MEB, MOBREAL.

ANUNCIAÇÃO, Sandro Moura Oliveira da. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM AMARGOSA-BA**: memória de uma alfabetizadora a partir do MOBRAL e do MEB. Course Conclusion Work (Graduação) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2022.

ABSTRACT

The present work entitled Youth and Adult Education in Amargosa-Ba: memory of a literacy teacher from MOBRAL and MEB aims to investigate and understand youth and adult literacy, especially in MOBRAL and MEB programs, under the mantle of displacement, resistance and setbacks in the municipality of Amargosa / BA, as well as, report perceptions, thoughts and memories of a MEB literacy teacher and analyze the historical process of MEB and MOBRAL. The research was qualitative, with a biographical research method, carried out through semi-structured interviews based on the conversation with a female literacy teacher. In the sequence, it presents the articulation of theoretical references that helped in the development of the discussions and results, such as Arroyo (2014), Arroyo (2017), Fávero (2006), Fávero (2004), Freire (1986), Freire (1987), Freire (1989), Freire (2002). This research showed through the cause experience of the literacy teacher how the popular movements of education, such as the MEB, had historical social importance in literacy of rural and marginalized subjects of the municipality of Amargosa-BA, allowing them to fight for a more dignified and humane life through a liberating education, contributing to understand a little of the history of education for rural workers in the municipality.

Keywords: EJA, Literacy, MEB, MOBRAL.

LISTA DE ABREVIATURAS

CFP- Centro de Formação de Professores

CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Cruzada ABC- Cruzada Ação Básica Cristã

EJA- Educação De Jovens e Adultos

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LBD- Lei de Diretrizes e Bases

MEB- Movimento Educação de Base

MEC- Ministério da Educação e Cultura

MOBRAL- Movimento Brasileiro de Alfabetização

PNAD- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PND- Plano Nacional de Educação

SENALBA- Sindicato dos Empregados em Entidades Culturais Recreativas e de Assistência Social

SIRENA- Sistema Rádio Educativo Nacional

UFRB- Universidade Federal Do Recôncavo da Bahia

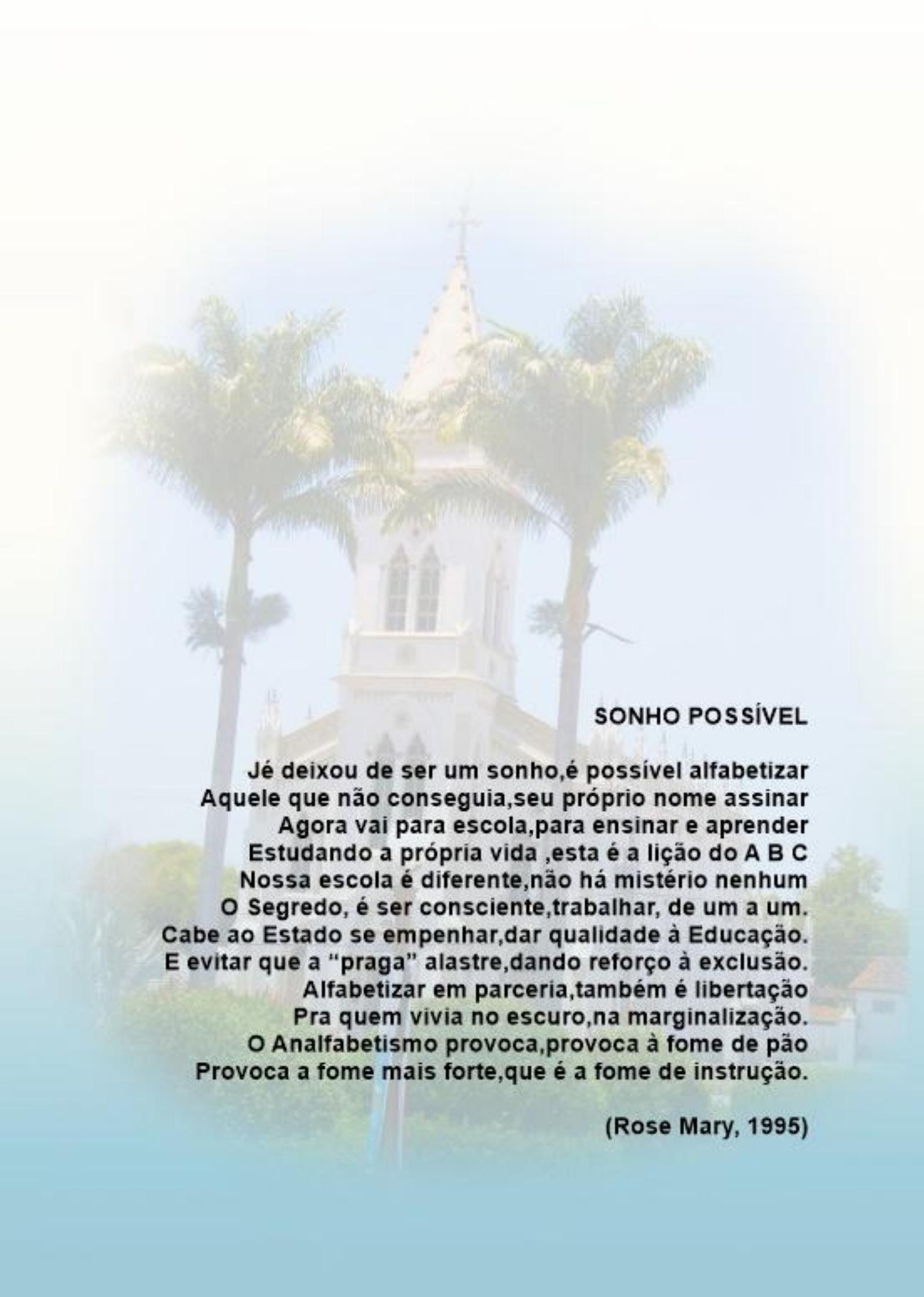
USAID- United States Agency for International Development

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1. Vista da Praça Lourival Montes..... | 42 |
| Figura 2. Forró Arrasta Pé, 2022..... | 44 |
| Figura 3. Rose Mary | 46 |
| Figura 4. Rose Mary e a sua família..... | 47 |
| Figura 5. Cartilha educativa do MEB..... | 52 |
| Figura 6. Folheto Sindical, 1991..... | 58 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 15 |
| 2. MARCAS DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL COM MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIAS, DESLOCAMENTOS SOCIAIS E RETROCESSOS | 19 |
| 2.1 O direito à alfabetização e a escolarização | 23 |
| 2.2 Alfabetização de jovens e adultos no MOBRAL | 25 |
| 2.3 Movimento de Educação de Base: deslocamentos e resistências | 27 |
| 2.4 Educação do Campo e Educação Rural: concepções distintas | 31 |
| 3 PERCURSO METODOLÓGICO | 36 |
| 3.1 Abordagem metodológica da pesquisa | 36 |
| 3.2 Conversa como metodologia de pesquisa | 37 |
| 3.3 Colaboradora da pesquisa | 40 |
| 4 DESBRAVANDO AMARGOSA E OS ENCANTOS DA CIDADE JARDIM | 42 |
| 5 VIDA ENTRELAÇADA NA MILITÂNCIA POR ALFABETIZAÇÃO NOS QUATRO CANTOS DE AMARGOSA | 46 |
| 5.1 Reflexão e análise da memória de uma alfabetizadora | 48 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 63 |
| REFERÊNCIAS | 65 |
| APÊNDICES | 68 |
| APÊNDICE 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) | 68 |



SONHO POSSÍVEL

**Jé deixou de ser um sonho, é possível alfabetizar
Aquele que não conseguia, seu próprio nome assinar
Agora vai para escola, para ensinar e aprender
Estudando a própria vida, esta é a lição do A B C
Nossa escola é diferente, não há mistério nenhum
O Segredo, é ser consciente, trabalhar, de um a um.
Cabe ao Estado se empenhar, dar qualidade à Educação.
E evitar que a "praga" alastre, dando reforço à exclusão.
Alfabetizar em parceria, também é libertação
Pra quem vivia no escuro, na marginalização.
O Analfabetismo provoca, provoca à fome de pão
Provoca a fome mais forte, que é a fome de instrução.**

(Rose Mary, 1995)

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos- EJA é uma modalidade da educação legalmente amparada visando atender pessoas que por distintos motivos não concluíram os estudos, no que considera o Estado a idade adequada, sendo ainda na atualidade negligenciada e muitas das vezes deixada em segundo plano nas políticas públicas.

Um dos motivos aos quais me levou a aprofundar os estudos sobre a Educação de Jovens e Adultos-EJA é encontro com a minha trajetória que conduz esse estudo e o move para a compreensão das dimensões de pano de fundo da EJA, quais sejam: políticas, éticas, sociais, econômicas, culturais e também pedagógicas.

Posso afirmar que sou produto resultado da minha experiência, aprendizagem e desenvolvimento nas turmas da EJA, aluno da 7ª e 8ª Série do Tempo Formativo II, Eixo V, na Escola Reunida Almeida Sampaio.

Também tive a oportunidade, enquanto estudante do Centro de Formação de Professores (CFP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), na condição de graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia, no componente curricular optativo “Diálogos Sobre Alfabetização De Jovens, Adultos E Idosos”, retornar à essa mesma escola.

O ensejo era realizar uma entrevista com duas alunas, para conhecer a sua trajetória e motivações para aprender a ler e a escrever, sendo que na maioria das vezes o direito de permanência nesses espaços é reduzido pela falta de oportunidade em conciliar o emprego com os estudos e principalmente pela desmotivação dos conteúdos e das práticas pedagógicas que são oferecidas aos educandos.

A importância dessa pesquisa, do ponto de vista pessoal, é que a educação de Jovens, Adultos e Idosos é uma modalidade de ensino que me tocou, pois eu fiz parte da EJA e conheço de perto as dificuldades, sobretudo ao desvelar na graduação o quanto é negligenciada historicamente.

Diante do exposto, a indagação que persegue esse estudo encontra sua ideia força nos apontamentos de Paulo Freire e nas narrativas de uma militante/alfabetizadora de jovens e adultos do campo, assim a questão problema que orientou a pesquisa foi: **Quais os deslocamentos, resistências e retrocessos da alfabetização de jovens e adultos no município de Amargosa/Ba?**

O objetivo geral da investigação é compreender a alfabetização de jovens e adultos, sobretudo nos programas MOBREAL e MEB, sob o manto dos deslocamentos,

resistências e retrocessos no município de Amargosa/Ba. Com os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer através do processo histórico do MEB e do MOBRAL os deslocamentos, resistências e retrocessos;
- Descrever percepções, pensamentos e memórias de uma alfabetizadora;
- Compreender o processo de ensino e alfabetização oferecidos pelos programas MEB e MOBRAL;
- Identificar nos programas distanciamentos e proximidades das concepções de ensino freiriano;

A pesquisa é de abordagem qualitativa, tem um desenho metodológico amparado nas narrativas autobiográficas e será desenvolvida com base em percepções, memórias e experiências de uma alfabetizadora do MEB do município de Amargosa.

Cabe salientar, que a educação dos sujeitos não alfabetizados ou pouco escolarizados acontecia em ambientes não formais por meio de programas de alfabetização, a exemplo do MOBRAL e do MEB. Esses dois programas terão centralidade nessa pesquisa, em especial o MEB, pois é lastro de um processo alfabetizador intenso no município de Amargosa, nas décadas finais do século passado.

Diante exposto, pesquisar sobre o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) possibilita conhecer a realidade do que de fato foi a educação de jovens e adultos na ditadura militar, uma realidade totalmente paralela e alienadora, o assunto me arremeteu a um passado não tão distante, quanto a educação fornecida pelos governos conservadores, evidenciam o ensino destinado a população de jovens e adultos apenas como forma de diminuir a taxa dos jovens não alfabetizados no país.

Do ponto de vista social, a pesquisa busca mostrar que as políticas de educação quando subjugam a capacidade do sujeito e lhes tira o direito fundamental que é o de aprender a ler e escrever, nega a oportunidade de conquistar uma vida digna desrespeitando sonhos. Defendo neste trabalho a educação que liberta, humanizando cada sujeito, os tornando donos de si e da sua existência.

No espaço acadêmico, a ausência de discussões sobre o MOBRAL e MEB no repositório da UFRB me motivou a pesquisar mais sobre o assunto e registrar a história de uma alfabetizadora que fez parte desse marco na educação em Amargosa, conforme anteriormente mencionada. É possível afirmar que o MOBRAL trouxe, junto

com o regime militar, consequências devastadoras num vazio de humanização, em especial, para as pessoas não alfabetizadas ou pouco escolarizadas. Já a perspectiva do MEB, ancorado nos estudos freirianos e da educação de base, contribui inspirando os sujeitos não alfabetizados do campo e da cidade, e futuros professores a compreender que os métodos usados por Paulo Freire fazia a diferença na vida de cada pessoa, lhes fazendo acreditar que tudo era possível quando se é alfabetizado.

Havendo poucos trabalhos no CFP sobre a temática tratada, desenvolvido por narrativas de alfabetizadores do MEB de Amargosa, sugere sua continuidade em outras pesquisas, dada sua importância na produção do conhecimento.

Vale ressaltar, que na construção deste trabalho monográfico inserimos anterior a cada seção uma epigrafe com trechos de músicas relacionadas ao Movimento de Educação de Base e poemas escritos pela colaboradora desta pesquisa, relacionada a temática da alfabetização e dos encantos no município de Amargosa, cantadas e recitadas pela mesma em momentos de afirmação da sua luta e das lutas coletivas, que faziam com que os encontros fossem mais exultantes.

Por fim, o trabalho monográfico é dividido em seis seções, a primeira sessão é a "Introdução" com as motivações para a realização da pesquisa, seguidas de tema, objetivos, questão problema, justificativa, entre outros elementos. A segunda seção intitulada "Marcas da alfabetização no Brasil com movimentos de resistências, deslocamentos sociais e retrocessos", aborda o contexto histórico da educação de jovens e adultos e seus marcos legais, com três subseções evidenciando questões sobre quais foram as marcas de alfabetização no Brasil, quais movimentos educacionais fizeram uma frente ampla de resistências e os retrocessos que a educação de jovens e adultos sofreu com o MOBREAL. Na terceira seção desta pesquisa, descreve-se o percurso metodológico. A quarta seção trata sobre a cidade de Amargosa, cidade onde nasci, cresci e moro e é o local onde eu estudo. A quinta seção é destinada à biografia da colaboradora e a análise de dados da pesquisa a partir das memórias da alfabetizadora na interface com os estudos teóricos. Na sexta e última seção, as considerações finais a partir dos achados da pesquisa.



O MEB E SUAS MARCAS

**Na escola do MEB, para o adulto Ler
Deve esforçar-se e compreender
Que ter interesse, é o seu dever
Do monitor a tarefa, é motivar a partilha o saber
O nosso aluno, não é o sabe nada.
Consideramos sua caminhada, a sua vida, o seu saber
O seu desejo e vontade, que tem de aprender
Não existe salário, é muita doação, é uma luta em mutirão
A parceria é pra provar, que é possível com luta, ALFABETIZAR.
Vem ver, vem ver, vem ver pra crer, que não é sonho, é pra valer.**

(Rose Mary, 1995)

2. MARCAS DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL COM MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIAS, DESLOCAMENTOS SOCIAIS E RETROCESSOS

Por muito tempo a Educação de Jovens e Adultos, acontecia nos meios não formais que atendiam a comunidade em processos intencionais de mobilização da classe trabalhadora com vistas à emancipação e educação que liberta, já que não era prioridade do poder público livrar o povo do analfabetismo.

Um longo caminho de lutas, conquistas e retrocessos, amparado em estratégias de resistências e de deslocamentos necessários, ora tensionando o Estado, ora realizando esse processo em espaços por onde trilham as organizações não governamentais.

O educador Paulo Freire, de vocação humanista, foi muito importante para a alfabetização de adultos, suas ideias tomaram conta de todo o Brasil, na década de 60, do século passado. Seu método muito promissor, baseado na autonomia e na liberdade dos oprimidos, permitindo a consciência crítica, desalienando os sujeitos com um olhar crítico para a transformação da realidade, a partir da pedagogia que dialoga com essa realidade do jovem e do adulto não alfabetizado. Mas, infelizmente com o golpe militar de 1964, os programas de educação voltados para alfabetizar os adultos foram extintos, a exemplo do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos e os Círculos de Cultura dirigidos por Paulo Freire.

Outro movimento de resistência foi o Movimento da Educação de Base (MEB), que era apoiado pela igreja, não foi extinto, mas se sujeitou a mudanças, ou seja, foi obrigado a fazer deslocamento para não morrer por inanição, pois o regime militar desarticulou qualquer método que tinha como alicerce os ensinamentos do professor Paulo Freire, já que todo método freiriano era considerado uma arma contra o Estado, havendo um grande retrocesso na educação, sobretudo da educação destinada aos jovens e adultos.

Com a intenção de substituir movimentos educacionais que eram considerados de esquerda pelos militares golpistas, tendo em vista o processo de controle populacional, começaram a apoiar outros movimentos educacionais que se configurava em um ensino que se direcionava a educação no campo da direita e um desses métodos apoiados por eles era a Cruzada ABC, um método de ensino da Igreja Presbiteriana do Recife, sendo considerado um dos melhores métodos de ensino para uma visão de direita, retrógada e silenciadora de pensamentos.

Com o passar do tempo, a Cruzada ABC foi perdendo ênfase, crédito e prestígio diante do governo brasileiro, pois, para os militares o método não estaria dando conta da forte alienação que os mesmos queriam fornecer de conhecimento aos brasileiros, conseqüentemente a Cruzada ABC foi perdendo espaço dentro do governo e pela United States Agency for International Development (USAID), que financiava o projeto. O governo desejava um ensino completamente engessado e que tirasse o poder de conhecimento das pessoas, pois sabiam que a maior arma é a educação e o conhecimento, e contra isso ninguém seria capaz de deter.

Os militares visavam, sobretudo o controle da população inclusive da população rural, alienando e censurando o acesso ao conhecimento das pessoas que ainda não tinham sido alfabetizadas e com o eminente fracasso e a extinção da Cruzada ABC, o estado brasileiro por meio dos seus militares assumiram diretamente o controle da alfabetização de adultos por meio do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que surgiu no dia 15 de dezembro de 1967, de acordo com a Lei nº 5.379.

Esse movimento foi criado para que os militares tivessem total controle sobre a educação dos brasileiros, fazendo-os acreditar que este movimento visava acabar com o analfabetismo, que de certo modo era uma vontade dos governantes, pois acabar com analfabetismo total no país para melhorar um pouco a imagem nos países exteriores. Porém, marca um declínio em relação aos saberes freirianos anteriores, sendo notável que os alunos analfabetos são privados de formação humana.

Rangel (2011) menciona que o governo militar ao assumir o controle da alfabetização de adultos da faixa etária de 15 a 30 anos, alguns meses depois foi designada a comissão que seria encarregada de elaborar os estatutos da instituição que foram aprovados em 29 de março, segundo o Decreto de nº 62.484. Assim o MOBRAL tinha os seguintes objetivos gerais:

[...] proporcionar alternativa educacional, através de atendimento numa linha de autodidaxia, às camadas menos favorecidas da população; e ampliar a atuação do Posto Cultural, imprimindo-lhe características de uma agência de educação permanente, com programas voltados para um aperfeiçoamento constante da população. (RANGEL, 2011, p. 14).

Alguns objetivos específicos também eram observados na instituição MOBRAL, como,

[...] possibilitar a aquisição/ampliação de conhecimentos, tomando-se como base o Programa de Educação Integrada e o reingresso no sistema regular

de ensino; e colocar ao alcance da clientela materiais que despertem e favoreçam o desenvolvimento de mecanismos necessários a uma educação permanente, proporcionando ao alfabetizador, já atuante, aprimoramento profissional. (RANGEL, 2011, p. 14).

Apesar de ter esses objetivos, do MOBRAL ter tido grande expansão nos meados dos anos 70, o método de alfabetização foi bastante criticado por profissionais da educação com a reflexão de que o método produzia males que os alunos voltariam a ser analfabetos e que o governo não queria educar nenhum indivíduo. Mas, é perceptível que esta proposta vê a educação como “um investimento no propósito de qualificação do trabalho para o desenvolvimento econômico” (RODRIGUES, 2011, p. 15).

Com efeito, o Mobral pode ser entendido como programa e ideias de caráter político, de acordo com Aranha (1996, p. 207), utilizava método de leitura de cartões não levando em consideração o conhecimento prévio do aluno e não havendo nenhum processo de conscientização dos sujeitos. A educação proposta pelo programa MOBRAL visava apenas a formação técnica que prejudica a subjetividade, a autonomia, o pensamento e a reflexão da realidade dos sujeitos, era uma educação fragmentada e descontextualizada. Na contramão ao propósito que deveria ser o fundamento da educação, a natureza humana dos sujeitos, ofertando apenas uma alfabetização para tornar os indivíduos funcionais, aprendendo o mínimo da leitura e escrita, visto como o bastante pelo governo para serem considerados alfabetizados.

Nesse contexto histórico, houve uma ditadura totalitária que durou até 1985, que causou os piores efeitos na educação brasileira, que persiste na atualidade. Depois da nova democracia e da Constituição de 1988, a sociedade brasileira viveu importantes transformações sócio-políticas com o fim dos governos militares e a retomada do processo de democratização, basta lembrar da campanha nacional a favor das eleições diretas. A nova Constituição trouxe importantes avanços para a EJA, o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, passou a ser garantia constitucional também para os que não tiveram acesso na idade apropriada, apesar de não ter meios que garantisse que fosse efetivamente cumprido já que educação de adultos nunca foi uma prioridade para o governo federal.

Conforme a LBD 9394/96, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação, trouxe mudanças na educação de jovens e adultos ao incluir a EJA como uma modalidade de educação básica, modificando a antiga concepção de supletivo, de forma que o ensino passa a ser regulamentado e oferecido para todos que não

tiveram acesso ou a possibilidade de concluí-lo com finalidades e funções específicas sendo elas reparadora, equalizadora e permanente ou qualificadora, garantindo assim, que mais pessoas consigam se alfabetizar e concluir os estudos.

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. (BRASIL,1996)

Nos anos 2000, a formação de jovens e adultos passou a ser foco no cenário nacional e internacional, sendo que a política educacional estava associada com a possibilidade do jovem adulto ser inserido no mercado de trabalho, de forma que foram criados diversos programas de educação a distância, e incentivo ao empreendedorismo, o que gerou um distanciamento da educação, do jovem adulto que apenas almejava concluir seu processo educacional (FERNANDES, 2013). No governo de Luís Inácio Lula da Silva, a educação passou a ser prioridade, e a alfabetização de jovens e adultos passou a ser um dos focos educacionais.

Fernandes (2013) menciona que o acesso à escola no Brasil, sempre enfrentou muitos desafios, a implantação de escolas públicas no Brasil, foi marcado por um processo de diversas lutas, para que esta se tornasse acessível para todos. Nesse sentido, a formação de docentes ainda era precária no Brasil. Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), a situação era mais complicada, pois historicamente há um descaso com esse tipo de educação.

Para Miguel Arroyo (2017), por muito tempo na história da Educação de Jovens e Adultos as suas políticas e diretrizes tiveram um olhar voltado para as pessoas não alfabetizadas de modo preconceituoso, como se fossem sujeitos analfabetos e não escolarizados. Porém, a culpa de termos uma taxa tão grande de pessoas não alfabetizadas, se dá pelo fato de que a Educação da EJA não era vista como um direito humano e nem tão pouco como um direito à uma educação de qualidade, pois o governo priorizava a educação do sujeito até os seus 14 anos de idade, sendo que mesmo que as pessoas não tivessem sido alfabetizadas, eles perdiam o direito à educação. O autor ainda revela que a EJA era vista como um não direito do cidadão e sim como uma campanha ou uma ação benevolente e isso explica a quantidade de termos e vários programas das agências sociais da sociedade e não diretamente do Estado, que se limitava a fornecer alfabetização de fato, para alunos até os 14 anos,

que era vista como uma idade "regular", vale ressaltar que o tempo predefinido pelo Estado brasileiro era dos 7 aos 14 anos. O que se percebe é que a omissão do Estado, colaborou para termos um nível alto de não alfabetizados no Brasil.

Por fim, retomamos que o exílio de Paulo Freire, decorrente do golpe militar, causou vários retrocessos no país ao extinguir o Plano Nacional de Alfabetização (PNA) e os Círculos de Cultura, pois alfabetizar os sujeitos levando em consideração a realidade e a condição social é resistir ao que ele chama de educação bancária e autoritária.

Na subseção a seguir, discutiremos o direito dos jovens e adultos à escolarização e alfabetização, bem como, a persistência ao longo dos anos do grande número de analfabetismo no país, decorrente do descaso e marginalização que historicamente a educação de jovens e adultos sofre perante as políticas educacionais, que também persiste na atualidade.

2.1 O direito à alfabetização e a escolarização

Iniciamos corroborando com o pensamento de Conceição (2021), ao evidenciarmos que a educação é um direito previsto constitucionalmente, sendo dever do Estado provê-la. Na Constituição Federal, a educação deve ser promovida e incentivada por toda a sociedade, sobretudo porque sua centralidade deve ser contribuir para o desenvolvimento e formação humana, porém, quando o governo anula esse direito e tira dos jovens e adultos a possibilidade de uma educação libertadora e emancipadora, negam a existência do indivíduo e os levam para uma educação desigual em relação ao modelo de educação pensada pelo grande professor e patrono da Educação no Brasil, Paulo Freire.

A estrutura social é obra dos homens e que, se assim for, a sua transformação será também obra dos homens. Isto significa que a sua tarefa fundamental é a de serem sujeitos e não objetos de transformação, tarefa que lhes exige, durante sua ação sobre a realidade, um aprofundamento da sua tomada de consciência da realidade, objeto de atos contraditórios daqueles que pretendem mantê-la como está e dos que pretendem transformá-la. (FREIRE, 2002, p. 48).

A taxa de pessoas não alfabetizadas no nosso Brasil entre a população de pessoas jovens, adultas e idosos, como sabemos, já é algo histórico que persiste em nossa sociedade. O analfabetismo é o espelho da dívida educacional do país e de problemas estruturais que mesmo com o passar dos anos ainda não foram

superados. Porém, vale ressaltar que um dos motivos principais para a grande taxa de analfabetismo em nosso país foi e continua sendo a pobreza de uma grande parcela da sociedade brasileira.

Todos os programas que visavam a alfabetização de adultos foram tentativas de erradicar o analfabetismo do país, assim como o MOBRAL, que foi uma iniciativa governamental. Embora a Educação destinada a estes sujeitos representa ainda uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, ainda que estes mesmos sujeitos tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. Ser privado deste acesso é, de fato, a perda de um instrumento imprescindível para uma presença significativa na convivência social contemporânea.

Em janeiro de 2003, o MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do novo governo federal. Para isso, foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, cuja meta é erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula. Para cumprir essa meta foi lançado o Programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC contribuiria com os órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos que desenvolvessem ações de alfabetização.

Haddad (2015), menciona que o conceito de alfabetização adotado pelo MEC, acredita que um sujeito para ser considerado “alfabetizado não será aquele que domina apenas os rudimentos da leitura e da escrita e/ou alguns significados numéricos, mas aquele que é capaz de fazer uso da língua escrita e dos conceitos matemáticos em diferentes contextos” (INEP, p.160, 2015).

Segundo o autor Sérgio Haddad, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- PNAD, no ano de 2014, mostram que temos 13,1 milhões de pessoas acima de 15 anos de idade que não sabem ler nem escrever, o equivalente a 8,3% para esta faixa etária, se diminuirmos o corte para 10 anos de idade, esse número sobe para 16 milhões de pessoas, 9,3% da população acima de 9 anos.

Dados mais recentes, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE, mostra a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais, ficou em 6,6%, que corresponde a 11 milhões de pessoas, em 2019, sendo que mais da metade (56,2% ou 6,2 milhões) vive na região Nordeste.

Ao observar e analisar esses dados podemos perceber uma tendência de diminuição no analfabetismo ainda muito pequeno, ao considerar o número alto de pessoas que não sabem ler e escrever que persiste, decorrente do descaso e falta de políticas educacionais mais efetivas que considere as especificidades e a realidade desses sujeitos, havendo quedas pouco expressivas se formos comparar com dados dos últimos anos.

A Educação de Jovens e Adultos, portanto, deve ser tratada juntamente com outras políticas públicas e não isoladamente. Apesar de não estar havendo continuidade dos programas ao longo dos tempos, a Educação de Jovens e Adultos está sempre sendo buscada, com o objetivo de realmente permitir o acesso de todos à educação, independentemente da idade.

Desta forma, fica claro o caminho que a EJA percorreu em nosso país até chegar aos dias de hoje. Muito já foi feito, mas ainda há o que se fazer. Não se pode acomodar com os avanços já conseguidos, é necessário vislumbrar novos horizontes na busca da total erradicação do analfabetismo em nosso país, pois a educação é direito de todos.

Na próxima subseção, retomamos discussões pertinentes que competem ao processo de ensino e alfabetização utilizados pelo programa MOBRAL, compreendendo que tipo de educação o governo militar priorizava para a formação dos sujeitos, ocasionando retrocesso a educação destinada ao jovem e ao adulto.

2.2 Alfabetização de jovens e adultos no MOBRAL

A alfabetização ofertada pelo MOBRAL, acontecia por meio de atividades que eram sugeridas para os alunos baseada em uma pedagogia tecnicista, que em meados do ano de 1970, ganhou força por conta da teoria behaviorista que tinha como base a aprendizagem e a abordagem sistemática do ensino.

Diante do exposto, os militares acreditavam que com esse método de ensino mais engessado, além dos brasileiros analfabetos conseguirem se alfabetizar, de certa forma, os mesmos conseguiriam se encaixar no mercado de trabalho.

Tal método de ensino fazia com que os professores ficassem incapazes de poder aplicar um conteúdo pedagógico humanístico, pois, naquele momento o professor era visto apenas como uma pessoa técnica, que estava ali apenas com a função de ser um especialista nas atividades tecnicistas.

Desta forma, o ensino do MOBRAL, segundo Araújo (1991), tinha como modalidades de ensino três categorias: o mútuo, o individual e o simultâneo. Assim, o ensino mútuo foi criado a partir do final do século XVIII, gerado pelo grande crescimento da escolarização da época, esclarece o autor.

Ao que tange o ensino individual, Araújo (1991) menciona que essa modalidade implicava diretamente na relação entre o professor e o aluno, onde o professor se compromete com o desenvolvimento social e intelectual do aluno, valorizando e respeitando as suas especificidades e de certo modo, criando métodos para sanar as dificuldades e os obstáculos que se apresentavam aos alunos.

Já no ensino simultâneo, o autor afirma que essa modalidade se dava mediante a concepção tradicional, onde o professor era o responsável apenas para transmitir seus ensinamentos/conhecimentos, ou seja, o papel central do educador era centralizar todo seu conhecimento, para um grande número de pessoas. Essa mesma modalidade foi a preferida do programa MOBRAL, tendo em vista que esse método de ensino, poderia abranger uma grande quantidade de alunos de uma só vez em um menor tempo possível.

O programa MOBRAL, também tinha como uma das técnicas de ensino o uso de cartilhas que eram elaboradas de acordo com as especificidades dos brasileiros que faziam parte da camada social pobre do país ou a camada popular como é relativamente conhecida. Mas, engana-se quem acha que o intuito dos militares eram fazer com que além de baixar a alta taxa de analfabetismo, que os estudantes tivessem uma vida mais digna, na verdade, as cartilhas ilustravam a figura do homem fazendo trabalho braçal, para que eles se enxergassem como a máquina que faria o país crescer, pois o intuito mesmo era uma educação técnica para o preparo para o trabalho. Infelizmente, podemos perceber que até nos dias atuais, essa modalidade de ensino técnico ainda é um desejo de todos os governantes da direita.

Mas, no que tange as cartilhas usadas pelo programa, criavam em algumas pessoas o incentivo para a massa populacional analfabeta e o governo militar criava uma falsa expectativa nos sujeitos, vendendo uma falsa promessa de que eles teriam uma vida mais confortável e que se aproximasse da classe social mais estabilizada.

Além dos exemplos das profissões mais comuns entre a população pobre, a Cartilha do Mobral também trazia frases de estímulo à participação de “todos” na construção do “Brasil potência”, tal como “O trabalho é a força de uma nação” (mesmo que mal remunerado e sob péssimas condições de

realização), de modo que o trabalhador se sentisse “responsável” por esse processo. (OLIVEIRA e SOUZA, 2010)

Uma das atividades propostas no plano de ensino do MOBRAL na época, era sobre o esporte tradicional do país, o futebol, tendo em vista, que ao fazerem atividades relacionadas a essa temática, seria também uma forma de inibir os indivíduos a protestarem contra o governo. O método era que essas atividades fizessem com que cada um permanecesse em suas residências, torcendo tanto para a seleção quanto para os times que cada um torciam, era uma forma de alienação e controle da massa.

Posto isto, é possível indagar, o MOBRAL alfabetizou ou alienou as pessoas? Na verdade, de certa forma o programa conseguiu em parte, fazer os dois papéis, porém a tão sonhada alfabetização, serviu para deixar os brasileiros apenas sujeitos funcionais, completamente desprovidos de discernimento no que tange a questão de saber quais são seus direitos e como lutar por eles.

Contrapondo o ensino e os métodos de alfabetização proposto pelo programa, Corrêa (1979, p. 279) contribui ao discorrer sobre a educação:

[...] não se limita à transmissão de conhecimento, mas, através da participação ativa de todos, objetiva o aproveitamento constante das experiências de vida, oferecendo, assim, oportunidades concretas de expressão, criação e transformação; esta educação, tendo como base a realidade do indivíduo, pretende ainda proporcionar oportunidades de acesso a outras experiências, inclusive as vividas num contexto cultural diferente do seu, favorecendo um enriquecimento cultural.

Na subseção a seguir, abordamos o ensino desenvolvido pelo programa MEB, os deslocamentos e resistências ocorridos durante o período do golpe militar para alfabetizar os sujeitos da cidade e principalmente do campo.

2.3 Movimento de Educação de Base: deslocamentos e resistências

O Movimento de Educação de Base, chamado de MEB, foi um programa de desenvolvimento da educação, criado em 1961, pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com o intuito de alfabetizar e evangelizar a população rural por meio da experiência de educação em radiodifusão, destaca Fávero (2004).

De acordo com o autor, o objetivo principal do MEB era "ministrar educação de base às populações das áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste

do País, através de programas radiofônicos especiais com recepção organizada". (MEB, 1965 apud. FÁVERO, 2004).

O programa entendia a educação de base como um conjunto de ensinamentos objetivados a promoção da valorização do homem para realização de melhorias nas comunidades, assim como outros movimentos sociais o MEB inicialmente estava associado a cultura popular, não se limitava apenas à instrução, mas, visava sobretudo a formação integral e promoção do homem.

Nesse momento, o país passava por grandes movimentos sociais que lutavam por direitos, melhorias de trabalho, sobretudo nas zonas rurais já que havia completa ausência dos direitos trabalhistas além dos altos índices de analfabetismo da população brasileira.

A Igreja desenvolveu esse trabalho que tinha como propostas a execução do programa intensivo de alfabetização, formação moral e cívica, educação sanitária, iniciação profissional, sobretudo agrícola e promoção social, desencadeando em torno de cada escola radiofônica, a organização e preparação da comunidade para as indispensáveis reformas de base, como a da estrutura agrária do país, mas também tinha a função de evangelizar, como destaca o autor, ajudar a população "defender-se de ideologias incompatíveis com o espírito cristão da nacionalidade" (FÁVERO, 2006, p. 56).

Percebe-se que a ideologia do MEB era progressista e a Igreja tinha líderes religiosos/ bispos que tinham uma compreensão específica das causas estruturais do subdesenvolvimento. Acreditava-se que a reforma era necessária para o crescimento econômico e superação do subdesenvolvimento, entendiam que as transformações sociais aconteceriam decorrente de uma educação que encoraja a conscientização dos sujeitos para lutar por uma vida mais humana e obviamente justa, através da participação popular, mas não era unânime, tinha os bispos com uma visão diferenciada, menos progressista e mais conservadora.

Romano (1979, p.188) esclarece que com o alinhamento da Igreja com o Estado, difundiu a ideologia da segurança e da ordem necessária e com a criação do MEB, o governo visava a diminuição das desigualdades sociais e econômicas ocasionado pelo desenvolvimento da indústria nas localidades rurais para poder manter a hegemonia do poder de dominação, assim, "a igreja e o povo teriam participação ativa (no poder político), uma unidade inquestionada, mas com tutela da primeira, também foro de legitimidade do governo". Essa aliança com o governo

rendeu o aporte de grandes montantes de recursos financeiros, permitindo a grande expansão das escolas radiofônicas do programa.

Do que se trata do trabalho de rádio e cartilha desenvolvida pelo MEB, Fávero (2006) destaca que inicialmente os materiais utilizados era editada pelo Sistema Rádio Educativo Nacional (SIRENA), não havendo uma adequação à faixa etária dos alunos, oferecendo o mesmo tratamento dado às crianças, não retratava a cultura dos camponeses, projetando valores e imagens da vida urbana, sendo inadequados à realidade dos povos do campo. Mas, com as fortes críticas de Paulo Freire feitas sobre as cartilhas na época e com sua metodologia que permitia uma educação que conectasse o educando com o mundo em que vive, decidiram que preparasse o material didático próprio.

O MEB entendia que as cartilhas eram essenciais como apoio na aprendizagem da leitura levando em consideração as especificidades do Sistemas Rádio Educativo e a falta de preparação didático-pedagógico dos monitores, assim, para atender essa necessidade houve a preparação de uma cartilha regional para o Nordeste, região com maior número de alunos das escolas radiofônicas, ressalta Fávero (2006), levando a publicação da cartilha “Viver é lutar” impressa e distribuído em janeiro de 1964.

Esse material didático, em especial, era instrumento de alfabetização e conscientização para o movimento partindo de situações reais da vida e do trabalho dos camponeses com a perspectiva de permitir a transformação da realidade desses sujeitos, esta cartilha, portanto, continha 30 lições que tratava das experiências e da verdadeira situação da vida do camponês. Porém, menciona Kadt (2007, p. 182), que na publicação da segunda edição da cartilha foram apreendidas ainda na gráfica pelo governo militar ao receber informações de que “folhetos comunistas estavam sendo impressos para o Ministério da Educação”, sendo considerado material subversivo, começando as complicações no movimento.

Com o golpe militar em abril de 1964, a Igreja e o MEB, sofreram repressões, as sedes e escolas foram invadidas e fechadas, tiveram seus materiais confiscados e destruídos por serem considerados subversivos, muitos monitores e líderes foram perseguidos, presos ou demitidos. Kadt (2007, p. 219) menciona em seu texto que três bispos renegaram o MEB, a minoria que defendia o movimento em suas declarações amenizava dizendo que “falhas humanas são inevitáveis em qualquer organização”, com essa desarticulação vários bispos usaram suas influências

personais nos bastidores para assegurar a soltura do pessoal do MEB, tentando minimizar as perseguições contra os subversores, não obtendo nenhum êxito.

Nesse processo, a igreja se sujeitou a mudanças do regime militar, em reuniões com o Conselho Diretor Nacional-CDN, houve fortes críticas a linha radical que seguia o MEB, condenando as atividades e o total engajamento dos técnicos com a causa dos camponeses, aprovando um documento em defesa com frases positivas sobre o movimento e trechos que segundo o autor louvava gentilmente os governantes militares. Nisso, a Igreja se eximiu fazendo declarações afirmando que:

Mesmo nos movimentos de orientação católica poderia haver negligência ou abuso por parte de um indivíduo ou outro que escapou de nossa vigilância, ou por alguns que são vítimas de seu próprio idealismo, de sua ingenuidade ou da compreensão errônea dos fatos. (KADT, 2007, p. 220).

A partir desse momento, os bispos assumiram o controle da direção principal do MEB com o intuito de modificar a estrutura e cortar as ambiguidades dos objetivos do movimento, organizando novas Diretrizes para o seu funcionamento, não havendo participação popular na fase de elaboração. Os novos textos já não mencionava a possibilidade de um papel ativo dos camponeses, voltando suas ações mais para a evangelização e não tão para a educação popular, com frases e ideias religiosas:

O objetivo essencial do MEB é o de colaborar na formação do homem (adulto ou adolescente) nas áreas subdesenvolvidas do país. Isto entende-se no sentido de levá-lo a tornar-se consciente da sua dignidade como ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus e redimido pelo Cristo, Salvador do Mundo, e conseqüentemente transformando-o em um agente envolvido na criação de uma cultura original do povo. (KADT, 2007, p. 224)

Fica evidente que durante a ditadura a principal proposta da Igreja Católica era a evangelização da população, ao exaltarem em seu texto o catolicismo abafando a relevância da conscientização e liberdade do povo. Boa parte dos técnicos aceitou a visão religiosa, mas em sua maioria não assumiram no seu contexto de trabalho por não terem capacidade. Eles na verdade queriam fortalecer a linha socialmente radical no movimento, com o texto que dizia: “O MEB quer conscientizar os trabalhadores rurais de seus direitos para que obtenham condições dignas de vida e quer ensinar lhes o valor da cooperação e das atividades comunitárias” (KADT, 2007, p. 226). Mas, as formulações realizadas pelos técnicos do MEB não foram aprovadas, os textos da nova Diretriz só expressaram as visões dos bispos, deixando fora de suas estruturas

o papel do povo e dos camponeses, alvos das desigualdades sociais, sendo perceptível o afastamento das formulações anteriores, havendo uma resistência em falar em conflitos e injustiças da realidade social da época.

Com as novas mudanças, os materiais didáticos do movimento já não continham o conceito de luta, mas um substitutivo o conceito de cooperação e mesmo contendo a palavra conscientização na nova formulação da Diretrizes do MEB, já não havia a politização da população, o movimento já não era mais o mesmo, tornou-se o oposto do que já foi um dia, um grande retrocesso pensando em uma educação crítica que eleva a autonomia e a libertação daqueles que são oprimidos.

No que tange o alcance deste programa no estado da Bahia, podemos afirmar que chegou no ano de 1961, na cidade de Salvador. Nos anos seguintes, se propagou nas cidades do interior do estado, incluindo o município de Amargosa situado no Vale Jiquiriçá, com base econômica voltada para a agricultura e pecuária, com modo de trabalho inadequado de força excessiva, não havia nenhum direito trabalhista para assegurar uma vida humana digna. No passar do tempo e com apoio da Igreja, houve uma articulação do MEB com os sindicalistas rurais, destaca Farias (2017), alinhado os trabalhos em resgatar a cidadania, ação sindical e comunicação popular.

A autora menciona a importância do movimento para a alfabetização da população rural do município de Amargosa, pois proporcionou a população rural desassistida, problematizar sua condição além de possibilitar articulações de outros movimentos como a organização dos sindicatos e as associações comunitárias, trabalhando a consciência e a autonomia dos sujeitos do campo. Também, criado pela Igreja e gerenciado pela Diocese de Amargosa, iniciou o movimento Juventude Católica Agrária (JAC), que desenvolvia ações de conscientização dos direitos que alcançaram outros municípios que compõem a Diocese.

O programa Mobral, contribuiu para a alfabetização dos sujeitos do campo, carecendo emergir as concepções de educação destinada a estes sujeitos ao longo do tempo no país, a qual veremos na subseção seguinte, discussões para a compreensão da Educação Rural e da Educação do Campo como concepções distintas de olhar o homem, a educação e o trabalho no campo.

2.4 Educação do Campo e Educação Rural: concepções distintas

Nos períodos anteriores ao século XX, não se falava muito em educação destinado a população da zona rural, segundo a autora Pires (2012, p.81) “a

preocupação era limitada e condicionada pela necessidade de formação de mão de obra especializada para a agricultura” visando minimizar os problemas sociais nessas áreas para conter o fluxo migratório da população rural para a cidade.

No que concerne à educação rural, possuía como modelo educacional o urbano, mesmo sendo destinado aos sujeitos moradores e trabalhadores da zona rural, às quais a agricultura representa o principal meio de sustento, não havia nenhuma tentativa de adequar as escolas rurais para atender as necessidades e características dos alunos camponeses.

Como destaca Ribeiro (2012), a educação rural não considera os saberes construídos pelos camponeses decorrentes do trabalho agrícola, ficando evidente o descaso e a subordinação em que esteve o meio rural com uma educação que esteve a serviço dos interesses daqueles que possuem o poder.

Deste modo, a educação rural funcionou como um instrumento formador tanto de uma mão de obra disciplinada para o trabalho assalariado rural quanto de consumidores dos produtos agropecuários gerados pelo modelo agrícola importado. Para isso, havia a necessidade de anular os saberes acumulados pela experiência sobre o trabalho com a terra, como o conhecimento dos solos, das sementes, dos adubos orgânicos e dos defensivos agrícolas. (RIBEIRO,2012, p.299)

Com o visível fracasso da educação rural em alfabetizar a população rural surge a corrente de pensamento “ruralismo pedagógico”, que foi uma tentativa de atender as demandas sociais destacadas pela autora Pires (2012), no qual, foi provocada pelo aumento da população nas cidades, defendendo então, uma educação que preparasse os alunos filhos de agricultores para permanecer no campo, para isso haveria a necessidade de adaptar o currículo às demandas das populações e da cultura rural, concepções necessária para uma mudança significativa, mas, que permaneceu apenas no discurso.

A autora afirma, que nas décadas de 1950 e 1960, o Estado olhou com mais seriedade, a educação rural, por tanto, ficou a serviço da modernização do campo em um período que foi exigido a adaptação da educação para atender novas necessidades do contexto econômico industrial e fortalecer o capitalismo nacional com a qualificação de mão de obra por meio da difusão do conhecimento técnico-agrícola surgindo programas e projetos de educação rural, ficando evidente o desinteresse do Estado em alfabetizar ao que se refere a educação rural, sendo este

um instrumento apenas para conter o fluxo migratório, considerando que esta “escola rural como um espaço em que a formação foi voltada para os instrumentos de produção, distanciando-se de uma formação cidadã” (PIRES, 2012, p.89).

Com a Constituição de 1988, a educação rural foi considerada como direito, mas ainda inspirado no paradigma urbano, destaca a autora. Somente com a LDB 9.394/96, houve a desvinculação da escola rural em relação a escola urbana buscando adequar a Educação Básica às especificidades locais ao reconhecer nos artigos 23 e 28, no Capítulo II, as necessidade educacionais e a diversidade sociocultural e o direito à igualdade e à diferença, porém a proposta não se adequava a realidade do campo.

Com tudo até aqui discutido, podemos perceber que os programas governamentais para a educação dos sujeitos da zona rural, serviu para fortalecer ainda mais a predominância social da classe dominante e a discriminação sociocultural dos camponeses numa tentativa de homogeneizar a educação desconsiderando as dimensões políticas, econômica, ambientais, as subjetividades, a cultura e a história dos povos do campo que são mais que trabalhadores rurais, são indígenas, quilombolas, assentados, agricultores familiares, trabalhadores sem-terra, ribeirinhos, pescadores, extrativistas, havendo a necessidade de uma educação alternativa que atendesse as necessidades da diversidade existente no campo.

Decorrente das discussões advindas dessa demanda educacional, começa a surgir a expressão educação do campo no contexto da I Conferência Nacional, em 1998, primeiro como Educação Básica do Campo, logo depois a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília, em 2002, posteriormente nos debates da II Conferência Nacional, realizada em 2004, reafirmou e passou a ser chamada Educação do Campo, incluindo reflexões sobre “o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência desse trabalho” (CALDART, 2012, p.260)

Assim, a busca por uma educação de qualidade no campo vem sendo desenvolvido historicamente dentro das lutas dos movimentos sociais. Através dessas lutas, conseguiu a definição de novas diretrizes para a educação do campo que representa um grande marco para esta modalidade de ensino.

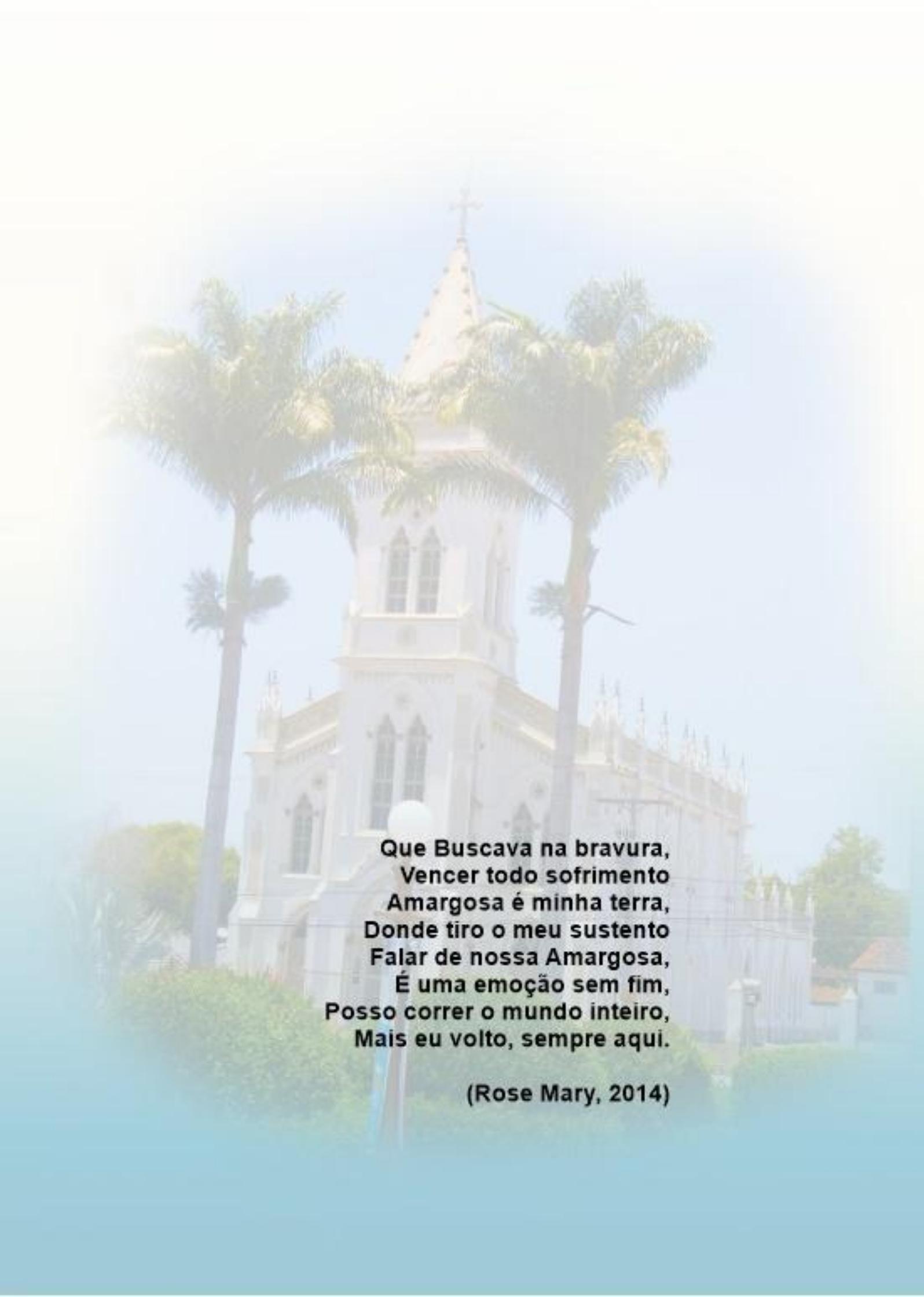
Pires (2012), esclarece que conforme foi incorporando as reivindicações dos povos do campo as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (CNE/CEB 36/2001), estabeleceu em seu parágrafo único do artigo 2º, a

proposta de uma educação construída através dos saberes próprios dos estudantes do campo levando em consideração a cultura e identidade do campo.

Com diretrizes complementares à Educação do Campo CNE/CEB nº 2/2008, ficou estabelecido o atendimento de todos os níveis da educação básica do ensino regular se estendendo a modalidade da EJA para aqueles que não concluíram seus estudos.

Apesar de grandes conquistas, ainda se tem muito que lutar por uma educação do campo de qualidade, havendo a necessidade de medidas para o cumprimento da oferta do direito à educação do campo desenvolvida nas escolas no campo, pois, infelizmente vem ocorrendo, cada vez mais, o retrocesso na educação destinada a estes sujeitos com o fechamento das escolas do campo, deparando com uma realidade onde os alunos se deslocam para a área urbana, defrontando com escolas com modelo educacional e um currículo urbano, homogêneo, que deixa de fora o modo de vida e de trabalho dos sujeitos do campo.

Na próxima seção, iremos abordar as escolhas teóricas metodológicas, os instrumentos para a produção e análise dos dados utilizados nesta pesquisa.

A white Gothic-style church with a tall steeple and palm trees in the foreground. The church has a prominent steeple with a cross on top. The building features Gothic architectural elements like pointed arch windows and a decorative facade. Two large palm trees stand in front of the church, partially obscuring it. The sky is a clear, pale blue.

**Que Buscava na bravura,
Vencer todo sofrimento
Amargosa é minha terra,
Donde tiro o meu sustento
Falar de nossa Amargosa,
É uma emoção sem fim,
Posso correr o mundo inteiro,
Mais eu volto, sempre aqui.**

(Rose Mary, 2014)

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Ao versar sobre as escolhas teóricas metodológicas para a escrita desta monografia, traremos os referenciais teóricos que ajudaram no processo de produção, coleta e análise e reflexões dos dados, assim, discutiremos as questões que nortearam o tipo de pesquisa, as abordagens e os instrumentos utilizados, contudo, iniciamos discorrendo no que se refere aos paradigmas científicos e emergentes, tão necessária para a construção desta proposta de pesquisa.

Souza (2008), em seu livro “Um Discurso sobre as Ciências”, menciona que ao analisarmos de perto o surgimento e organização da Ciência, desde o século XVI, era vista e tratada de modo pragmática e cartesiana, infelizmente, durante séculos, prevaleceu no domínio das ciências naturais, não considerando a interface do senso comum e dos estudos humanísticos, ou seja, o que não era quantificável era visto como cientificamente irrelevante.

Desta forma, qualquer Ciência para se tornar legítima deveria adequar às regras metodológicas, tornando-se, um sistema totalitário que nega a veracidade de qualquer forma de conhecimento que não se adequa ao paradigma de Ciência em curso. Mas, surgiram outras inquietações, havendo a necessidade de conhecer outras ciências, fazendo com que fossem reconhecidas e legitimadas como conhecimento válido, surgindo no século XIX, novos paradigmas no campo das ciências sociais.

Assim, surge o paradigma emergente, validando o conhecimento do senso comum, trazendo aspectos enriquecedor no que compete às nossas relações com o mundo e o desenvolvimento da humanidade, a partir desse momento nenhum conhecimento é irrelevante, podendo ser construído por qualquer sujeito, em qualquer lugar, por meio de uma pluralidade metodológica que permite pesquisar e conhecer o objeto, construindo novos conhecimentos.

3.1 Abordagem metodológica da pesquisa

A temática aqui pesquisada dialoga com o paradigma emergente por valorizar as ciências sociais e as ciências humanas como conhecimento válido. Assim, diante da pluralidade metodológica, cabe esclarecer a abordagem desta pesquisa que é de natureza qualitativa. Segundo Chizzotti (2003), recobre um campo transdisciplinar envolvendo as ciências humanas e sociais, tentando interpretar os significados que as pessoas dão a elas, sendo assim, o termo qualitativo implica uma partilha densa

com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa que não são quantificáveis.

Analisando as formas de pesquisas existentes no âmbito científico, a que mais se adequa a proposta aqui desenhada é a pesquisa biográfica, por permitir uma reflexão sobre o agir e o pensar dos humanos mediante figuras orientadas e articuladas no tempo que organizam e constroem suas experiências, apresentando como elemento central metodológico, a memória, “embora se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, epístolas, fotos, vídeos, filmes, documentos, utiliza-se do exercício da rememoração, por excelência” (ABRAHÃO, 2004, p. 202).

Diante dos processos para a produção dos dados desta pesquisa, para ser analisados e interpretados, com base em uma fundamentação teórica sólida, com o objetivo de compreender o objeto de estudo, utilizaremos a conversação como metodologia nesta pesquisa biográfica para a produção dos dados, ou seja, uma educadora se disponibilizou para narrar suas experiências profissionais, permitindo assim, compreender o processo de ensino e alfabetização de jovens e adultos nos programas MEB e MOBREAL, através de experiências e memórias construídas.

3.2 Conversa como metodologia de pesquisa

A conversa como metodologia de pesquisa nos conduz a desconstrução e reconstrução da própria investigação em busca por respostas, ao contrário do método da entrevista estruturada ou semi-estruturada que possui um roteiro, com perguntas previamente elaboradas pelo entrevistador para serem respondidas pelo entrevistado, a conversa trata-se de modos diferentes de pensar e fazer pesquisa, Ribeiro (2018) menciona que o ato de conversar tão comum, que faz parte da vida das pessoas, durante o momento da entrevista pode seguir por um novo caminho, levando para novos lugares, ao surgir novas memórias de maneira espontânea, aberto ao acaso.

Larrosa (2003, p.212) contribui ao discorrer sobre os caminhos que levam as conversas na interação com as experiências narradas:

Nunca se sabe onde uma conversa pode levar... uma conversa não é algo que se faça [na tentativa de induzir e obter respostas], mas algo que se entra... e ao entrar nela pode-se ir onde não havia sido previsto... e esta é maravilha de conversa... que, nela, pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer. (LARROSA, 2003, p. 212).

Ribeiro e Skliar (2020, p.18) esclarecem que a conversa como metodologia de pesquisa “é um modo legítimo de investigação, de relação, porque implica uma forma especial de prestar atenção, de inquietar(se) e indagar(se) a partir da experiência, da vivência, das falas do outro.” Precisando ser fundamentada nestes parâmetros, pois a importância de conversar, de compreender o outro, de ouvir e de dar voz ao “povo” é fundamental para a construção de uma sociedade participativa, principalmente no que tange o ensino e formação de outros sujeitos, sujeitos esses que por muito tempo tiveram suas vozes suprimidas, seus anseios obstruídos e seus direitos negados.

Em concordância com os pensamentos dos autores sobre o ato de conversar como uma arte, uma ciência, um modo de constituir dados da pesquisa, foi proposto como pontos iniciais para nossa conversa alguns questionamentos, para que a pesquisa tivesse um roteiro central: quais os deslocamentos, resistências e retrocessos da alfabetização de jovens e adultos no município de Amargosa, foram utilizadas as seguintes perguntas:

Conte-me sobre a sua história de vida desde a sua infância.

Como foi sua trajetória acadêmica?

Como chegou a ser professora do MOBRAL?

Quando surgiu o MOBRAL em Amargosa e como funcionava a formação dos profissionais que atuavam diretamente com os alunos?

O MOBRAL tinha sede? Como vocês alcançavam os alunos?

Como eram as supervisões das turmas de alfabetização? Você supervisionava o MOBRAL de quais cidades da Bahia?

Como chegou a ser professora do MEB, e a convite de qual Padre ou Religioso?

Quando surgiu o MEB em Amargosa e como funcionava a formação dos profissionais que atuavam diretamente com os alunos?

Onde funcionava a sede do MEB? Funcionava em Amargosa?

Como foi a sua trajetória como professora na Radiofônica?

Como acontecia o planejamento dos conteúdos via rádio?

Quem eram esses alunos? De quais comunidades eram esses alunos?

Como eram desenvolvidas as atividades das cartilhas?

Vocês faziam visitas nas comunidades dos alunos da zona rural? Quais dificuldades vocês tinham em chegar nesses locais?

Com base em suas memórias e de tudo que você trouxe, qual o impacto da educação de jovens e adultos para a sua auto formação e defesa da educação?

Qual era o método de ensino usado na época?

Como era a teoria no ensino de jovens e adultos no MEB?

Quais enfrentamentos políticos vocês passaram?

Como era feita as mobilizações em busca de um ensino digno aos alunos da EJA?

Como constituição de meio que se fazia naquele momento da conversa, que por estarmos vivenciando momento de pandemia da COVID-19, a conversação foi realizada de maneira remota, por meio da função de chamadas do WhatsApp, é importante relatar, que por ter sido uma entrevista que colheu as narrativas biográficas da alfabetizadora, em determinados momentos, deixamos de lado as perguntas pré-estabelecidas e demos asas as nossas prosas, fazendo com que desse modo, tanto o pesquisador quanto a entrevistada, se tornassem partes efetivas e unificadas deste trabalho monográfico na produção dos dados.

Respaldados pelos pensamentos de Warschauer (2001), aprendemos que a conversa está para além de um enunciado ou de estruturas semânticas organizadas para argumentar logicamente sobre algo ou sobre alguma coisa.

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vida do outro, etc. (WARSCHAUER, 2001, p. 179).

Pois, compartilhando da ideia de Silva (2022), entendemos que as narrativas a partir das conversas como pesquisa, possibilitam para além das lentes do visível, do enxergado, encontrar as experiências daqueles que participam do ato de reconectar-se com a sua história. Assim, a análise da conversação se sucedeu por meio da transcrição da entrevista, posteriormente fizemos uma análise minuciosa e selecionamos alguns recortes do diálogo que chamaremos de lâminas que estão organizados de acordo com a temática discutida, em seguida relacionamos as discussões com o aporte teórico. E uma vez que estamos contando e conversando sobre histórias e experiências de vida de uma alfabetizadora, optamos por não abrir categorias de análises.

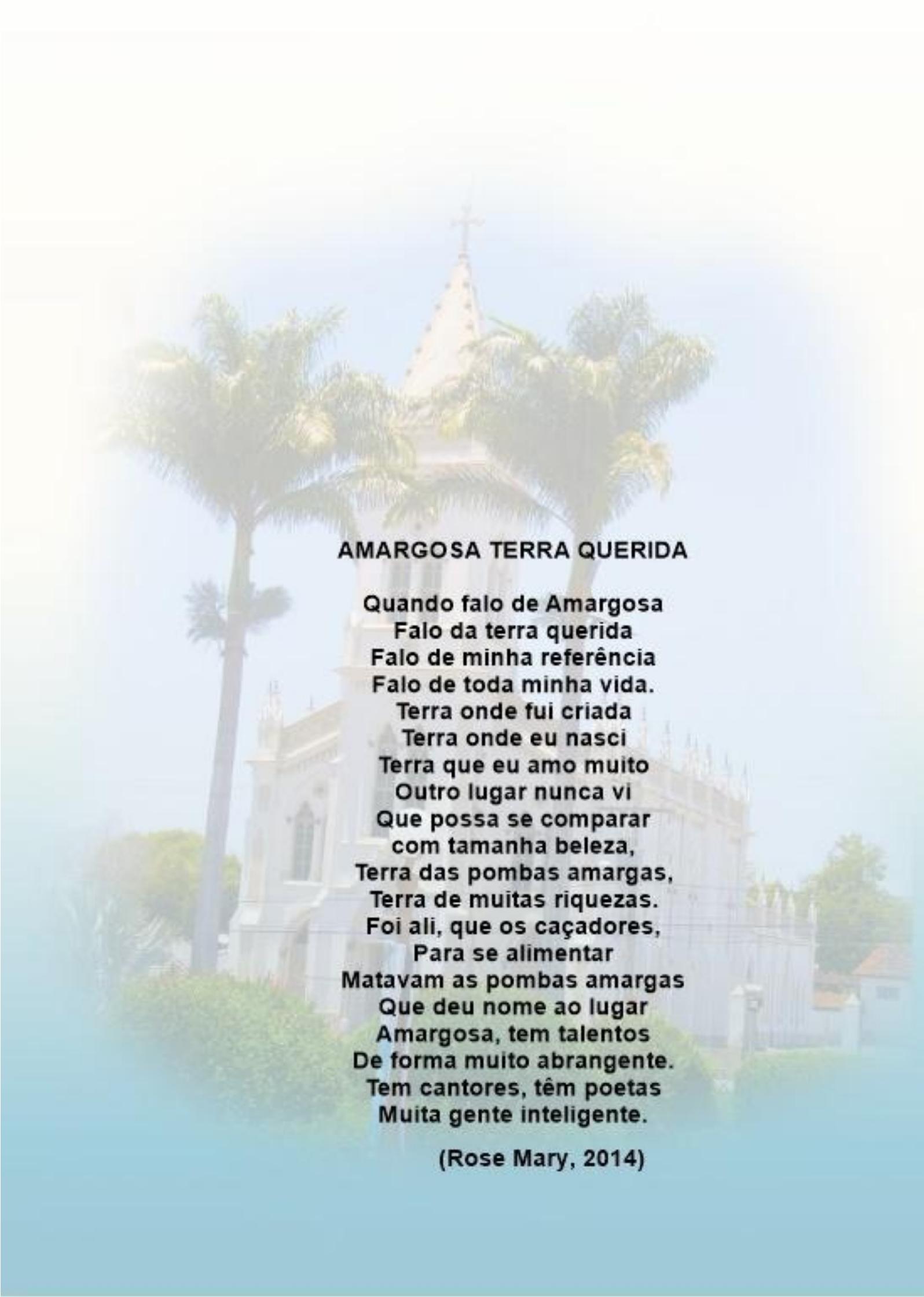
3.3 Colaboradora da pesquisa

A colaboradora foi convidada a participar da pesquisa e ao aceitar, fornecemos o termo de consentimento, a fim de explicar os procedimentos, a utilização dos dados coletados e os princípios éticos envolvidos.

A intenção de realizar a pesquisa com a entrevistada, foi de entender como se deu o processo de alfabetização dos jovens e adultos no município de Amargosa, através de sua experiência como educadora no MEB e como Supervisora Global do MOBREAL, trazendo sobretudo a sua visão de educadora popular, possuindo papel muito importante na educação, desenvolvendo ótimos trabalhos educacionais, colaborando grandemente na formação de sujeitos.

Assim, este trabalho contará com a narrativa de suas memórias carregadas de experiências e desafios vivenciados pela educadora, desta forma, durante a conversação a mesma traz em sua memória, pessoas importante que participaram da sua trajetória de vida e trajetória como educadora, visando a preservação das identidades, os nomes citados pela entrevistada serão abreviados, permitindo o anonimato desses sujeitos.

Nas próximas seções, conheceremos o lócus desta pesquisa, traremos discussões e elementos sociais, culturais, geográficos, econômicos e históricos do município, em seguida conheceremos a biografia da colaboradora, abordaremos também, os resultados e análises dos dados produzidos, na seção posterior.



AMARGOSA TERRA QUERIDA

**Quando falo de Amargosa
Falo da terra querida
Falo de minha referência
Falo de toda minha vida.
Terra onde fui criada
Terra onde eu nasci
Terra que eu amo muito
Outro lugar nunca vi
Que possa se comparar
com tamanha beleza,
Terra das pombas amargas,
Terra de muitas riquezas.
Foi ali, que os caçadores,
Para se alimentar
Matavam as pombas amargas
Que deu nome ao lugar
Amargosa, tem talentos
De forma muito abrangente.
Tem cantores, têm poetas
Muita gente inteligente.**

(Rose Mary, 2014)

4 DESBRAVANDO AMARGOSA E OS ENCANTOS DA CIDADE JARDIM

Temos como lócus desta pesquisa, o município de Amargosa, conhecendo um pouco da sua história, os primeiros povos a habitar a região foram os índios Sapuyás, que posteriormente foram chamados de Kariris, que teriam originalmente vivido na aldeia de Pedra Branca.

Segundo Rezende (2019) a colonização desta região se iniciou por volta de 1700, quando a Coroa demarcou esse aldeamento, mas foi em 1758, que a aldeia passou a ser a Vila de Nossa senhora de Nazaré de Pedra Branca, por meio do Diretório Pombalino, que posteriormente em 1850, recebeu assim, a atribuição de município tendo como sede a Vila da Nossa Senhora de Tapera, que era constituído de um núcleo político e econômico mais importante naquele momento.

Figura 1. Vista da Praça Lourival Montes.



Fonte: Acervo de Sandro Moura

Rezende (2019, p.10 *apud* CERQUEIRA, 1938) menciona que o processo de colonização acompanha a criação do município de Amargosa, que aconteceu no início do século XIX, com a família de Gonçalo Correia Caldas, dono das primeiras roças, construíram uma casa onde atualmente é a Santa Casa de Misericórdia, a partir disso, ao passar do tempo, outras ruas foram surgindo com a chegada de novos moradores,

a exemplo da Rua da Lama (Rua Deraldo Bulhões), Rua Nova, Baixa do Sapo (Rua Eline Passos), Rua Boa Vista e Baixa de Areia, região fora da zona urbana.

No decorrer da criação do município de Amargosa, aconteceram vários momentos históricos, entre eles os índios da Pedra Branca que tentaram resistir a todo esse processo de colonização acontecendo vários confrontos com a Família Gonçalo, que quase exterminou a cultura indígena na região culminando na transferência dos últimos 119 aldeados, no ano de 1884, para Fazenda Santa Rosa, em Jequié.

Resende (2019) data ainda a seca de 1844, que foi outro fator de importância nesse processo, quando centenas de pessoas migraram para a região de Amargosa, dada a sua fartura em água formando assim um povoado. A partir desses povoamentos surgiram as primeiras culturas da localidade, as lavouras de café, cana, mandioca e fumo e como grande crescimento da agricultura, passando a ser um ponto de troca comercial na qual grande parte era exportada para a Europa.

Com a prosperidade rápida das fazendas de café e fumo que por muitos anos deixou a cidade conhecida como a “Pequena São Paulo”, principalmente com a exploração da escravidão dos negros recém chegados, o crescimento econômico possibilitou que a Vila de Nossa Senhora do Bom Conselho de Amargosa, fosse elevada à categoria de cidade e ser chamada apenas de Amargosa, em 19 de junho de 1891, a qual se deu por existir pombas que possuíam carne amarga e faziam parte da fauna local, que atraía os caçadores da região através do convite “vamos às amargosas” (REZENDE, 2019).

Localizada no Vale do Jiquiriçá, no Centro-sul Baiano, fazendo divisa com: Santa Terezinha, Elísio Medrado, São Miguel das Matas, Laje, Ubaíra, Brejões, e Milagres. Segundo o IBGE de 2021, a configuração territorial do município é de 431,6 Km², ainda é considerada uma cidade rural, possuindo atividades econômicas no âmbito urbano e rural, a agricultura e pecuária são atividades fortes que gira a rotatividade de capital.

Segundo o site da Prefeitura Municipal de Amargosa, este é um dos destinos mais procurados pelos turistas para os festejos de São João na Bahia, em decorrência do clima frio e acolhedor, das ornamentações e culinária típicas da época e das atrações que são estimadas pelo povo.

Rezende (2019), menciona que os festejos juninos em Amargosa são considerados um dos melhores da Bahia que incrementa a economia local e sendo o

maior produtos turístico do município. Ressaltando também, a existência de festas privadas como o Forró do Piu-Piu e do bloco popular tradicional, o Arrasta Pé Zona Rural, fundado pelo artista e filho da terra Peu Meurray, que ao completar dois anos de pandemia tivemos a felicidade de comemorarmos este Festejo Junino que ocorreu no decorrente ano, após o “controle” da COVID-19.

Figura 2. Forró Arrasta Pé, 2022.



Fonte: Marco Peixoto

Outra festa popular é o Carnaval, em que Amargosa se prepara para receber os turistas, diferente de outras cidades, a Cidade Jardim sempre traz uma proposta de um carnaval mais tradicional com shows de bandas de marchinhas, concurso de Rei e Rainha do Carnaval e blocos carnavalescos de iniciativa dos Bairros da Cidade, ou seja, uma festa pensada para contemplar todas as classes sociais.

Além dos festejos, Amargosa mostra o fluxo de transformações econômicas, políticas e socioculturais em fins do século XIX e início do século XX, no qual foram sendo criados espaços alternativos para a diversidade cultural, Rezende (2019) destaca a construção do Cinema e Teatro “Theatro Variedades”, as Filarmônicas, Lira Carlos Gomes e Grêmios Recreativos. Esses espaços foram construídos compondo o cenário na parte urbana da cidade, especificamente no centro.



ACORDA BRASIL!

**Já é 95, e é grande a luta, contra o Analfabetismo
Ou tetra campeão, é com o dedão que teu povo assina.
Para nós é vergonha, sermos os recordistas, da escravidão.
Cadê, nosso governo, se os nossos impostos
São para dar rumo à Nação.
É luta em parceria, vamos todos participar
O Analfabetismo, não cabe mais nesse lugar.
Acorda BRASIL!**

(Rose Mary, 1995)

5 VIDA ENTRELAÇADA NA MILITÂNCIA POR ALFABETIZAÇÃO NOS QUATRO CANTOS DE AMARGOSA

Filha de Amargosa, Rose Mary Correia Santana, nasceu em 27 de Dezembro de 1963, possui 58 anos de idade, cordelista, cantora e compositora carrega em sua trajetória de vida, muitas lutas no que tange a sua vida e a vida de vários sujeitos. Pessoa que se dedicou em ajudar o próximo, seja por palavras, músicas, poemas ou por ser alfabetizadora, sobretudo dedicou quase duas décadas a formar sujeitos oriundos da classe popular e do campo, a se sentirem valorizados e libertos da escravidão de não saberem ler, escrever e assinar o próprio nome.

Figura 3. Rose Mary



Fonte: Acervo pessoal de Mary

De família da classe popular brasileira, desde pequena já iniciava uma trajetória de luta, tendo que lidar com a paralisia infantil que lhe acometeu com apenas poucos meses de vida, doença essa que infelizmente na época ainda não existia vacina, mas nada fez com que ela e sua família desistisse de lutar e correr atrás de tratamentos

que pudessem ajudar a dar seus primeiros passos, aos quatro anos de idade, vencendo sua primeira batalha, superando todos os percalços que a vida lhe ofereceu.

Figura 4. Rose Mary e a sua família



Fonte: Acervo pessoal de Rose Mary.

Na época em que estudava, os livros, matrículas, fardas, tudo era comprado por seus pais, pai sapateiro, mãe cabeleireira, vendiam flores e criavam porcos para comprar os materiais escolar. Em 1970, realizou o pré-primário na escola que era localizada no Calçadão, antigo Beco da Lira. Logo iniciou o primário na Escola Wilson Lins fazendo 1ª e 2ª série, concluindo a 3ª e 4ª série, na Escola Reunidas Almeida Sampaio.

Aluna de Escola pública, dedicada com os estudos e comprometida com atividades que desenvolvesse suas habilidades artísticas, gostava muito dos conhecimentos das disciplinas como educação física, educação artística, educação moral e cívica, história. No ano de 1975, estudante da Escola de 1º Grau Antônio Carlos Magalhães- ACM, hoje Escola Santa Bernadete, participou do Concurso do Estado de Melhor Companheira:

Eu participei do Concurso do Estado de Melhor Companheira do Ano, ganhei e recebi o certificado, participei de alguns shows de calouros, coisa que eu gostava muito, também ganhei troféus, então assim, eu gostava muito dessas

áreas de arte, de artista, fiz várias paródias, participei de vários grupos de formação de teatros, então, são coisas que eu gostava muito, muito mesmo. (Rose Mary, 2022)

Concluiu o Ensino Médio, antigo segundou grau, no Colégio Pedro Calmon, no ano de 1979, dois anos depois realizou o curso Técnico em Contabilidade, nesta mesma instituição, terminado o normal superior

Dedicada com os movimentos sociais e libertários, fazendo da arte e da cultura uma das suas “armas” de luta em busca da revolução e liberdade dos pensamentos, em seu processo evolutivo acadêmico, se formou e foi em busca do seu primeiro emprego, na área da educação como Supervisora Global do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), em 1982, desenvolvendo seu trabalho por seis meses. Logo em 1983, foi convidada para fazer parte do grupo de Supervisora do Movimento de Educação de Base (MEB).

Educadora, formada em Normal Superior pela Faculdade de Ciências Educacionais- FACE e pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FACE, desenvolveu um ótimo trabalho nas instituições educacionais no município de Amargosa, colaborando grandemente na formação de sujeitos desenvolvendo seu trabalho no MOBRAL, MEB, no REDA, na Escola Estadual Santa Bernadete, na Escola Edelvira, na Escola Sisínio Vieira no bairro Catiara, foi Diretora da Escola Francisco Juventino de Souza da comunidade Cambaúba, Vice-diretora e professora da Escola ACM Neto no bairro Catiara, também, desenvolveu trabalhos em outras áreas como Assistente Social e chefe no setor de habilitação no CIRETRAN.

5.1 Reflexão e análise da memória de uma alfabetizadora

Neste subseção, apresentamos os recortes das conversas com a entrevistada, organizada em lâminas, onde cada uma delas é seguida por análises e reflexões, na interface com os referenciais teóricos relacionados com a questão investigativa desta pesquisa.

A seguir apresentamos o recorte da conversa com a entrevistada que conta um pouco da sua experiência no MOBRAL no município de Amargosa, trazendo sua percepção do ensino oferecido:

Como eu havia falado para você anteriormente, o meu ingresso no

MOBRAL foi a procura de emprego, o Prefeito me indicou para essa área porque eu sempre trabalhei com grupos de movimentos com os trabalhadores diversos na igreja, então isso dava a gente uma ascensão a nível de ter facilidade de acesso às pessoas e eles precisavam de gente que tivesse condição de fazer essa entrada pelas comunidades rurais com mais tranquilidade, foi tranquilo realmente, porque o nosso contato tinha que ser indo ao encontro com os carros do próprio município [..]

Quando surgiu o MOBRAL em Amargosa eu não sei te informar, o MOBRAL atingiu alguns municípios próximos de Amargosa, que eu lembro Milagres e Elísio Medrado, a gente fazia as visitas às turmas de alfabetização, tinha os treinamentos também para os professores do MOBRAL uma perspectiva muito de aprender escrever o nome, fazer uma carta, era muito nessa perspectiva na compreensão do eleitor aprender a escrever o nome e votar.

Essa é minha visão, eu conseguia perceber dentro de todo trabalho que era realizado, dentro da visão da Coordenadora Geral a nossa perspectiva era que tivesse realmente uma educação que as pessoas se libertassem a nível de aprender a ler e escrever, exercitando essa escrita de uma maneira que pudesse contar suas histórias, sua vida e não tanto nessa formação política na visão que eu não tinha muito na época, assim que eu consigo perceber.

Essa instituição ficava ali na Rodoviária né, antiga Rodoviária no Bosque em frente a O.¹, tinha a escolinha que era do MOBRAL que participava, que a gente ensinava. [..] M. J., A. e eu ficava ali na Coordenação desse processo, foi um trabalho bom, interessante que a gente aprende com todas as etapas de nossa vida.

Podemos observar como a fala da entrevistada é carregada de memórias, de história de vida e história de um município, rica em detalhes. As nossas memórias têm um papel fundamental na aprendizagem, pois ao olhar as experiências do passado permite uma compreensão do presente e ajuda a garantir a continuidade do

¹ Os nomes citados pela entrevistada serão abreviados para preservar as identidades.

conhecimento historicamente construído pela humanidade, já que aprendemos nesse processo histórico e cultural do desenvolvimento humano, social e político.

Neste recorte, constatamos que mesmo depois da redemocratização o programa MOBREAL, continuou a ofertar uma alfabetização para os adultos na sua forma simples de escrita, não alfabetizando em sua forma mais plena que visa o uso social da leitura e escrita, não havendo uma formação crítica da realidade.

Vale destacar, que os cidadãos não alfabetizados não tinha o direito ao voto muito antes do golpe de 1964, durante a ditadura não houve votação por cerca de 21 anos, mesmo com a redemocratização e com a criação da ementa que dava direito aos cidadãos votarem, ainda havia muito que melhorar no que compete a formação de eleitores conscientes do seu papel político na sociedade. O que afirma como a educação sempre foi usada na história do nosso país com o objetivo de reafirmar as relações de poder, seja para uma forma de favorecimento à burguesia e manutenção do status quo.

Porém, contrário a esta educação, que foi proposto pelo governo para educar os jovens e adultos com o objetivo de conservar a divisão das classes sob modo de impor a ideologia dominante e conformação de sujeitos passivos com valores educacionais de uma pseudo neutralidade, Freire (1986, p. 17) idealizou uma educação a fim de conscientizar na condução da transformação social a partir do lugar político, porque acreditava que a educação “além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político, não havendo uma pedagogia neutra.

Continuando a conversa com a entrevistada, a mesma apresentou em sua memória, experiências com indícios de como era o ensino da alfabetização, como era realizado o diagnóstico das comunidades, o levantamento das palavras e dos temas geradores que mediava a ação pedagógica, presente no recorte abaixo:

Com relação à minha entrada no MEB foi um convite na época, Padre J.N que era coordenador e depois se tornou presidente do MEB quando virou Bispo, depois de Dom A. A.. Mas, nós tivemos 3 presidentes do MEB em Amargosa: Dom F. S. V. que trouxe o MEB para Amargosa, Dom A. A. conseguiu reabrir o MEB, depois do golpe de 64, e Dom J. N. S. S. que foi o Bispo seguinte até finalizar suas atividades no município de Amargosa.

Por critérios de pessoas engajadas nos trabalhos realizados pela igreja, que tivessem acesso aos grupos de diversas religiões, através das

palavras de Deus. A luz das palavras de Deus, que o trabalho se realizava para diagnósticos das realidades e para as intervenções do ver, julgar e agir como trabalhar em cada comunidade, com aqueles cantos de animação, com os animadores, com a facilidade de acesso a essas comunidades, usando claro, sempre, como referência a Igreja Católica, que é quem criou o MEB na visão cristã de fazer um trabalho que era de evangelizar, mas também de dar às pessoas uma vida digna, diante da realidade cruel que era viver desde o analfabetismo até a falta geral de tudo, desde as vias de acessos, a ter filtros e fossas. [...]

Veja só, outra coisa que a gente fazia era o levantamento do vocabulário, certo? Porque nesse contato do dia-a-dia, da casa de farinha, nas rezas, nos encontros, a gente ia fazendo aquele levantamento de palavras junto com monitores, com os educadores, com os coordenadores, cada área dessa que a gente trabalhava tinha um coordenador, quando não tinha um coordenador por município, tinha de dois em dois municípios.

A ideologia do MEB, apesar do cunho religioso, a Igreja possuía uma visão progressista com uma compreensão específica das causas estruturais do subdesenvolvimento, reconhecendo que alfabetização dos cidadãos possibilitaria condições intelectuais que proporciona o encorajamento e a conscientização dos alfabetizados e trabalhadores para o engajamento e a participação social para lutar por direitos, por uma vida mais humana e obviamente justa em Amargosa.

Pensando em uma educação com o povo, os monitores, educadores e coordenadores do programa teve um papel muito importante em realizar o diagnóstico das comunidades rurais e periféricas do município, permitindo assim, uma percepção crítica da realidade desses sujeitos, de modo que pudessem intervir de maneira significativa ao proporcionar a aprendizagem da leitura e da escrita, bem como, uma leitura da realidade e dos problemas desses sujeitos, como esclarece Freire (1987) ao mencionar que a investigação temática permite uma interpretação e um olhar crítico dos problemas, se fazendo “mais pedagógica quanto mais crítica e tão mais crítica quanto, deixando de perder-se nos esquemas estreitos das visões parciais da realidade, das visões “focalistas” da realidade, se fixe na compreensão da totalidade.”

O autor acredita que o ato de educar deve estar intrinsecamente associado à realidade de vida dos alunos, permitindo que a prática educativa seja um ato repleto

de significações, ajudando na formação de uma consciência crítica, de modo que as pessoas possam se tornar protagonistas da sua cultura e da história, ao promover a ampliação do olhar sobre a realidade.

Assim, a ação realizada pelos profissionais do MEB nos encontros realizados nas comunidades do município para investigação do universo vocabular, de acordo com a sistematização de Freire (1987), permite com que o alfabetizador defina o ponto de partida por meio da palavra e do tema gerador promovendo a integração do conhecimento e a transformação social. A tematização permite a consciência do vivido, o seu significado social, possibilitando a ampliação do conhecimento e a compreensão dos educandos sobre a própria realidade, na perspectiva de intervir criticamente no mundo.

Figura 5. Cartilha educativa do MEB.



Fonte: Acervo pessoal de Rose Mary

Essa perspectiva de alfabetizar, possibilita uma formação ampla para os sujeitos, ao proporcionar um processo educativo que não visasse apenas aprender a

ler e escrever, mas a possibilidade da leitura de mundo, como defende Freire (1982, p. 11) “uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou na linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na ‘inteligência do mundo’”.

A entrevistada narrou um pouco da sua experiência durante seu trabalho de alfabetizadora no programa para se tornar radialista desenvolvendo programas radiofônicos, presente no recorte abaixo:

Foi através do MEB que o assessor regional do SENALBA, A.M me descobriu e achou que eu poderia contribuir muito participando de um curso radiofônico promovido pelo MEB, que estava previsto nos anos 90. Houve alguma resistência da equipe de Amargosa, mas ele conseguiu fazer com que eu fosse representando Amargosa.

Nesse curso eu fui para a Caucaia no Ceará, era um curso promovido pelo MEB com a Universidade Federal do Ceará, participei desse curso durante 18 dias em Caucaia, de lá eu já desci para o Rio Grande do Norte em Mossoró pra fazer o estágio no rádio rural, passei 15 dias na rádio rural fazendo estágio.

Depois desse curso, eu vim como radialista, locutora e apresentadora assinada em carteira para exercer no programa “A vez e a voz do povo”, intitulado por nós e trabalhadores rurais, que escolheram o nome. Com temas e assuntos escolhidos e discutidos em equipe, com os trabalhadores e monitores para fazer os programas radiofônicos com participação de todos eles, em Santo Antônio de Jesus.

[...]O cara mandar uma carta para o rádio e o rádio ler sua carta, ele ser sorteado e ir ao rádio presencialmente, a gente pegava o transporte botava o cabra e levava. Se não tivesse dinheiro, a gente tirava do bolso pra comprar televisão, eu comprei televisão com meu dinheiro, daquela pequenininha pra sortear no programa, eu não esperava cair do céu não, a gente pedia aos outros, mas fazia também acontecer, isso se chamar acreditar no que tá fazendo.

Nas romarias de alfabetização levávamos os trabalhadores tudo pra

Milagres, que festa! Você nunca esquece o lugar que você declamou sua poesia e seu cordel, que você fez, porque você pensava sobre educação.

Não havendo escolas no campo que atendessem todas as comunidades rurais, uma forma eficaz de alcançar esses sujeitos e poder fazer um trabalho de alfabetização pautada na educação popular era por meio do rádio (FÁVERO, 2006), que funcionou por muitos anos levando educação para a população e ao mesmo tempo fazer frente ao avanço de movimentos sociais.

Sua fala traz informações importantes de como funcionavam as escolas radiofônicas que provocavam discussões sobre os assuntos da aula transmitida, incentivando os alunos a verificarem os exercícios e aos estudos que eram organizados pelos monitores, colaboradores e voluntários que eram treinados pelo MEB.

O MEB foi um grande programa de educação não formal de grande expansão no país alcançando muitos lugares, abaixo apresentamos as áreas que o Movimento de Educação de Base conseguiu alcançar nas proximidades do município de Amargosa:

Nós trabalhamos com vários municípios, não só na área de alfabetização, como de sindicalismo, movimento popular, associação em laço, Muniz Ferreira, Aratuípe, Jaguaripe, Nazaré, Castro Alves, São Felipe, Milagres, Amargosa, Santa Terezinha, Elísio Medrado, Rafael Jambeiro, Alagoinhas, São Miguel das Matas, Itatim, Ubaíra, com os monitores e coordenadores.

Alguns lugares desses, tanto prefeitura como às vezes a própria paróquia, faziam convênios e parcerias com a gente pra sustentar as turmas de alfabetização, papel do governo, mas o MEB fez porque estava faltando, defasagem incrível na educação do país.

Nos anos 90, recebeu a medalha de condecoração pelo trabalho feito no Brasil de alfabetização que deu certo, a medalha foi para o MEB.

O programa conseguiu um alcance muito bom das regiões, conseguindo se aproximar das classes populares não apenas alfabetizando os adultos do campo e das periferias dos municípios, mas principalmente a mobilização social e política por

meio dos sindicatos em busca de melhorias. Mesmo com as dificuldades, com falta de materiais, ocasionado pelo descaso do poder público, o MEB conseguiu realizar seu trabalho visando recuperar a humanidade que foi roubada e negada aos sujeitos. Trabalho que talvez, não fosse realizadas nas turmas de educação básica destinada aos jovens e adultos nos ambientes formais de educação, nos anos 90, quando começou a pensar a modalidade EJA.

Na conversação, também revelou-se seu descontentamento com o descaso do poder público com a educação e especificamente com o programa MEB, bem como, do seu sentimento de ter sido contrariada por não poder continuar desenvolvendo seu trabalho de alfabetizadora pelo MEB por não possuir na época curso de nível superior:

Vinham verbas do MEC também, para que a gente pudesse fazer a gratificação dos monitores, ou seja, convênio que o MEB fazia com o MEC, claro, era muito melhor pra ele fazer um convênio com pouco dinheiro, onde a graça da alfabetização acontecia, do que pagar de fato os educadores que alfabetizava. Para a gente era bom que fazia o trabalho, porém, o monitor recebia “uma merreca”. Mas, o que estava em jogo para aquele monitor, coordenador e paróquia não era o dinheiro em se, era o trabalho que sempre foi voluntário, que o povo fez, a gente sempre se colocou   disposição, a gente sempre se doou com todo carinho.

Hoje as pessoas têm dificuldade de fazer doação, as pessoas se apegam demais aos temas: ter e o poder, e o ser engole, até pelo fato de eu saber um pouquinho, você quer me tornar invisível. Mesmo que você me chame, que eu seja convocada, que eu v  e que eu não ganhe nada, você quer que eu seja escondida pra quando o ganho vier, você não ser a pessoa escolhida. É incrível! Mas, aquilo que   nato, você já sabe de cor, você não viveu, você não passou, você eternizou! [...]

Permaneci por 15 anos, na instituição Movimento de Educação Popular criada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, eu sa  porque só ficava quem tinha nível universitário. Como eu não tinha cursado ainda a universidade, um pouco chateada, claro n , pelo trabalho todo que a gente fez de Movimento Popular.

Faço uma seletiva e passo na Faculdade de Ciências Educacionais-FACE. E faço normal superior, em 2007, concluo e entro na pós-graduação de Psicopedagogia Clínica e Institucional, também pela FACE. Terminando fiz a Prova dos Portadores de Diploma, aproveitando algumas disciplinas na UFRB, passei, fui aprovada e ingressei no curso de Pedagogia, passei três ou quatro semestres estudando, aproveitando algumas disciplinas, foi quando meu filho concluiu e passou também no ENEM e quis concursar Pedagogia, foi meio complicado para mim, eu desistir para ele fazer as provas e fazer universidade.

Constatamos o descaso com a educação que historicamente a educação de adultos e a educação dos sujeitos do campo sempre foram negligenciadas e deixadas em segundo plano, enfrentando o pouco apoio político e a desvalorização e a falta de reconhecimento do trabalho do alfabetizador.

Esse não reconhecimento do aluno como sujeitos de direito, bem como do alfabetizador como profissionais da garantia de direito dos trabalhadores, dos negros das periferias e do campo não é por acaso, como já havíamos dito e Arroyo (2014, p.55) reafirma:

A negação de uma parte da humanidade é sacrificial na medida em que constituía a condição para a outra parte da humanidade se afirmar enquanto universal.” (SANTOS & MENEZES) É a forma mais radical da produção da inexistência dos Outros: ser condição para que o Nós se afirme como síntese da existência humana. Outros invisíveis como humanos para destacar o Nós como síntese exclusiva da humanidade.

Durante a entrevista conversamos também sobre a opressão que programa MEB sofreu durante a ditadura, bem como, sua experiência na condição de oprimida presente no recorte do diálogo abaixo:

Essa cartilha que eu te digo “Viver é Lutar”, ela foi caçada como se fosse um bicho, por exemplo, se ela falava de trabalhador, então falava no trabalhador, decodificava a palavra trabalhador, identificava esse trabalhador, como esse trabalhador vivia, que tipo de vida ele vivia, como era tratado na questão do êxodo rural, na questão de falta de terra, então isso tudo gerou polêmica, porque mexe com a questão política.

Essas cartilhas foram realmente queimadas, o rádio foi destruído, porque a escolinha radiofônica funcionava através do rádio, depois a escola veio presencial, mas era com o rádio que eles aprendiam. Para essas aulas de rádio, havia um treinamento para os monitores que trabalhavam no rádio, com pessoas que tinham formação universitária, não era qualquer um não, filosofia, pedagogia, então tinha uma formação desse pessoal, não foi uma coisa aleatória.

É claro, a gente começava a driblar essa galera toda em ralação ao que a gente pensava. Eu fui em vários encontros em São Miguel das Matas, era uma raiz pesada do coronel, fui várias vezes em reuniões para falar sobre sindicato e mudei para falar sobre a novena de natal porque o prefeito foi, eu caí com a música de natal “É Natal, é natal...”, então o cara se perdeu todo, tive que mudar toda a conduta, que a reunião era sobre sindicato pelego [risos].

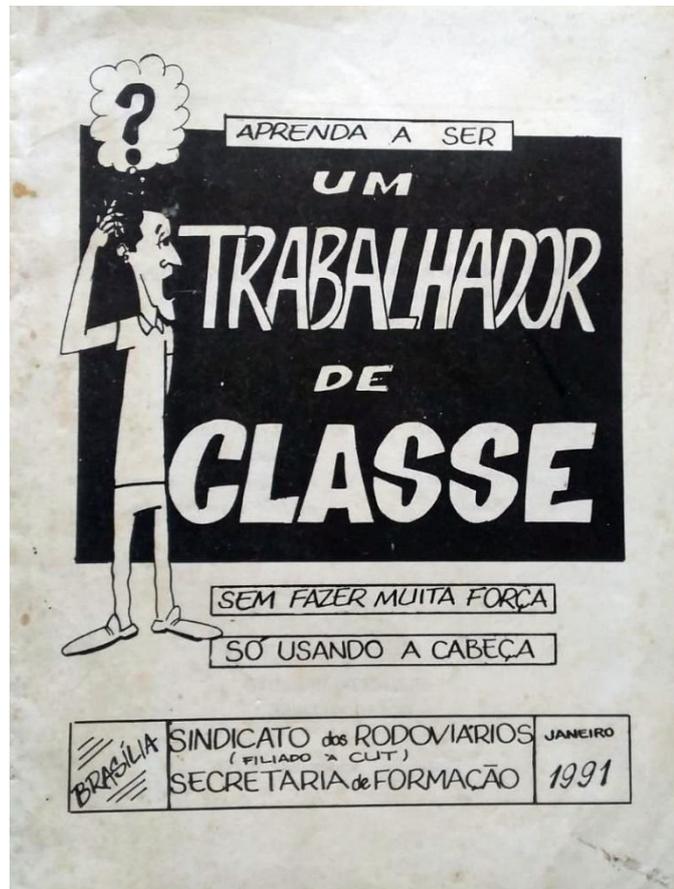
[...] Pra aqui, trazem companheiros de outros MEB, para orientar os nossos trabalhadores, nós trazíamos gente do Rio Grande do Norte para dar curso de alfabetização aos nossos monitores, eram colegas que tinham curso universitário. Então, trazíamos sindicalistas que pudessem orientar os nossos, para que pudesse criar o plano sindical como hoje têm, participar da Federação de Trabalhadores da Agricultura- FETAG e da Confederação dos Trabalhadores da Agricultura-CONTAG, porque isso não podia ser um trabalho separado da educação, então juntava alfabetizadores, sindicalistas, todo mundo numa só luta. Porque quem estava no sindicato não podia ser analfabeto, tinha que saber ler e escrever para gerenciar, senão você estava sempre pagando uma pessoa de fora que não iria ajudar.

Essa fala deixa evidente que mesmo depois da redemocratização os cidadãos ainda sofriam opressões dentro de ambientes que deveriam fomentar a capacidade humana do cidadão, em pensar, ver e agir, sendo que, até uma alfabetizadora era censurada de compartilhar os seus ideais, que visavam somente o processo evolutivo social do alfabetizando.

Para superar a relação entre opressor e oprimido, Freire (1985, p.29) menciona que é necessário primeiro compreender-se oprimido para uma conscientização política e humana permitindo uma leitura crítica do mundo para podermos avançar na

superação desta condição, sendo que “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “conivência” com o regime opressor.”

Figura 6. Folheto Sindical, 1991.



Fonte: Acervo pessoal Rose Mary

Os movimentos populares com suas organizações políticas e ações com protesto, marchas, manifestações permitem cumprir essa demanda mesmo que tenham que driblar as opressões quando reprimidos com violência. Ressalta Freire,

Não há conscientização se, de sua prática não resulta a ação consciente dos oprimidos, como classe explorada, na luta por sua libertação. Por outro lado, ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo se conscientizam através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação anterior e a subseqüente no processo de luta. (FREIRE, 1989, p.109).

Na conversação a entrevistada menciona algumas lutas traçadas e conquistas alcançadas durante sua caminhada no programa no município de Amargosa, trazendo relatos das dificuldades encontradas nos encontros comunitários, logo abaixo:

Então, esse processo todo foi acontecendo, claro, quando você vem à luz do evangelho pra fazer um trabalho na comunidade, você vai ver, o julgar e o agir. Você viu a realidade, julga essa realidade e vai agir como? A curto, médio e longo prazo, para fazer o trabalhador compreender que tudo tem jeito, agora que pra cada momento existem pessoas que a gente vai ter que contar para resolver o problema, isso é um processo que às vezes demora, mas que acontece.

Tá aí, os resultados de todas as lutas encampadas pelo trabalho do MEB com tantas outras Pastorais e Dioceses que não deixa negar, universidade para todos, as cotas, o direito do trabalhador rural e urbano, a aposentadoria, as pensões por morte, as pensões das mulheres gestantes. Então, tudo foi uma luta que a gente encampou, que a gente trabalhou, a questão das diretas já, que a gente fez emendas da constituinte e isso era de jegue, de cavalo, de barco, de casa em casa, não é como hoje, era sem energia, era sem carro, era de bicicleta, era como fosse, mas todo mundo ia.

Não tinha comida, cada um trazia alguma coisa e ajudava no encontro, não tinha verba para o encontro, então quem tem aipim traz, quem tem banana traz e aí a diocese cedia às vezes...

A gente ia pra comunidade e passava o domingo inteiro, cada um levava o que ia comer e dividia, chamava-se de encontro comunitário, encontro intercomunitário com tipo Cafezinho de Jesus, tudo em comum, mas nem por isso os instrumentos não estavam lá e a gente dizia: "A turma vem aí, não tem cerca, não tem muro, confiando em Jesus Cristo, prevenindo o futuro", "O dedão foi trocado pela mão, já podemos ver, escolher a direção", era assim a motivação do aluno estudar era o propósito que você estava estudando, a valorização que você dava ao aluno.

Foi com muita luta, determinação, vontade e a força de querer mudar as condições dos trabalhadores e alunos do campo que o MEB, juntamente com os sindicatos e os movimentos sociais, conseguiram conquistar direitos necessários para a subsistência de uma vida mais humana, justa e digna.

Nos movimentos que os trabalhadores do campo desconstruem o padrão de poder, dominação e subalternização empregado nesta sociedade, esclarece Arroyo (2017, p.84):

Desconstruem sua “legitimação política” e lutam pela libertação de sua exploração no trabalho, contra a desapropriação de suas terras, contra ver a agricultura camponesa como improdutivo nos padrões capitalistas de produção. Lutam por afirmar-se trabalhadores sujeitos humanos de conhecimento, valores e culturas.

Logo abaixo no recorte da conversação a entrevistada responde ao ser questionada se houve dificuldades em chegar nas comunidades rurais para fazerem os encontros com os alunos:

Qual a dificuldade? Um carro só não ia atender todas as áreas, então a gente pegava carro de praça, a gente pegava carona, a gente pegava via de acesso péssima. Hoje vocês tão tirando onda indo pro Córrego, a gente ia pro Córrego dia de segunda e voltava dia de sexta. O povo recebia a gente nas casas deles, a gente dormia lá, não tinha luz, não tinha água, não tinha poço. Professor só tinha leigo, os alunos estudavam até a quarta série, professor só estudava até a quarta série.

As estradas péssimas, falta de transporte, não tinha ônibus pra aluno, não tinha nada! Isso foi uma luta encampada, que a gente quase foi preso porque fez as primeiras reivindicações, mas tudo chegou. Chegou o posto de saúde, chegou agente comunitário, chegou o censo, chegou os postos de saúde, as escolas, professores conseguiram concluir o segundo grau, depois fazer nível universitário, mesmo vindo da zona rural.

Com essas dificuldades todas e que as coisas começaram a ser sanadas na proporção que o pessoal foi descobrindo que só lutar não era possível sem saber ler e escrever, sendo preciso estudar sua vida e se associar em organizações que pudessem defender sua classe.

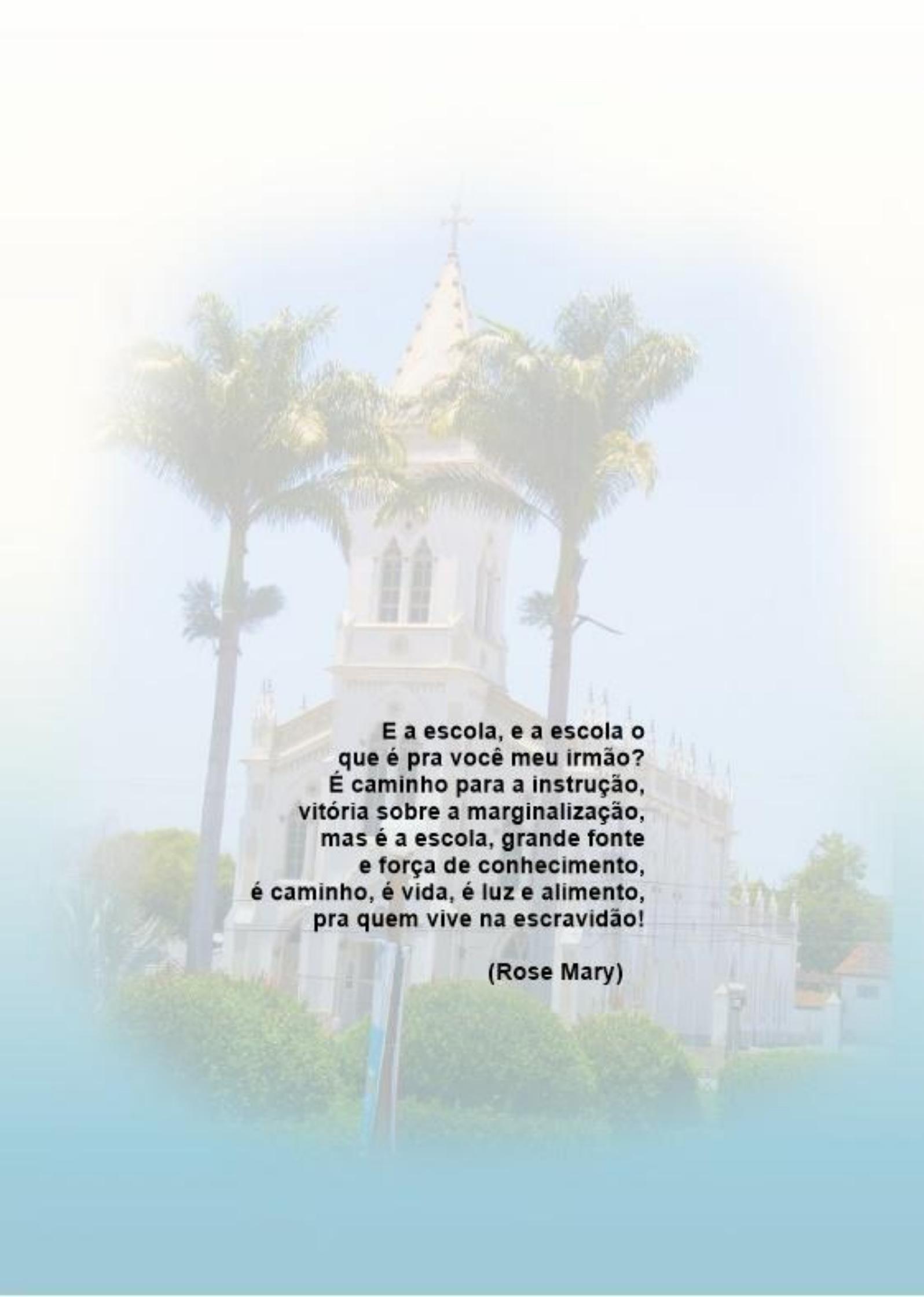
Neste relato há algo bastante peculiar, a maioria dos professores alfabetizadores que trabalhavam como monitores do programa, eram professores leigos que estudaram apenas até a quarta série, de fato, apesar de todas essas situações o ensino proposto pelo MEB é um ensino reconhecido por várias entidades. Podemos, também, observar que a mesma relata, que mesmo com todas dificuldades,

tanto como falta de energia, água encanada, estradas em perfeitas condições e a falta de ter mais transportes, acreditaram sempre que seria possível realizar o sonho de outras vidas, a se sentirem pertencentes de direitos.

Freire (1983) afirma que “a educação é um ato de amor e, por isso, um ato de coragem”. Uma simples frase dita há quarenta anos e reverbera até os dias atuais, foi preciso vontade e determinação para conseguirem superar as adversidades na busca por uma educação libertadora e igualitária, apesar dos pesares.

A EJA e a educação do campo são tratadas aqui como territórios marcados por lutas e conquistas históricas, no campo da educação com a prática social, e têm na emergência das massas, no processo de democratização da sociedade brasileira. (FREIRE, 1967)

Dialogando com Freire (1967), vemos a importância de tantas lutas travadas para que a educação de jovens e adultos e a educação do campo tivessem valorização, pois, só a educação de qualidade e de igualdade para todos é capaz de democratizar um país, é preciso dar voz e vez aos alunos destas modalidades de ensino.



**E a escola, e a escola o
que é pra você meu irmão?
É caminho para a instrução,
vitória sobre a marginalização,
mas é a escola, grande fonte
e força de conhecimento,
é caminho, é vida, é luz e alimento,
pra quem vive na escravidão!**

(Rose Mary)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender a alfabetização jovens e adultos, sobretudo nos programas MOBRAL e MEB, sob o manto dos deslocamentos, resistências e retrocessos no município de Amargosa, bem como, relatar as percepções, pensamentos e memórias de uma alfabetizadora e analisar o processo histórico tanto do MEB e do MOBRAL no município. Creio que o trabalho conseguiu alcançar os objetivos geral desta monografia, pelo motivo de termos tido acesso a biografia da alfabetizadora que exerceu um papel de colaboradora que foi de extrema relevância para tal diagnóstico.

Do ponto de vista da pergunta que orientou este trabalho de conclusão de curso que permeou esta pesquisa sobre os deslocamentos, as resistências e retrocessos na alfabetização de jovens e adultos no município de Amargosa acreditamos que foi respondida pela colaboradora da pesquisa na articulação com o estudo teórico.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), evidenciou retrocessos, como também as interrupções que o poder público de forma bastante impopular tratou a alfabetização de jovens e adultos, apenas como um meio de tornar as pessoas alfabetizadas funcionais, visando o “eleitor”, que soubessem apenas ler e escrever o próprio nome, não os preparando para serem sujeitos dignos e libertos de uma educação opressora, podemos dizer que vai contra a tudo aquilo ensinado pelo patrono da Educação do Brasil, Paulo Freire.

No que tange o processo ensino e aprendizagem de jovens e adultos através do programa do MEB, sob o olhar de uma alfabetizadora, nos revelando a autonomia e conscientização que o Movimento de Educação de Base possibilitou aos estudantes oriundos da classe popular brasileira. Assim, os resultados desta pesquisa, demonstra potencial reflexivo para alfabetizadores de jovens, adultos e idosos, sobre o método amparado na perspectiva da educação que transforma e liberta.

Em que pese os vários desafios na produção desse estudo por conta da pandemia de COVID-19, a entrevista por meio da metodologia da conversação aconteceu de forma online, onde usamos a plataforma de WhatsApp, como meio de comunicação entre o pesquisador e a entrevistada, onde as nossas conversas e trocas de material de imagens e textos se deu exclusivamente no formato digital.

A entrevistada se colocou à disposição para falar sobre suas memórias e experiências e finalizamos nossa conversa com um até breve no intuito de novas aventuras acadêmicas numa condição mais propícia para novas incursões

epistemológicas, nesse sentido, acreditamos na contribuição e abertura para novos estudos futuros sobre a temática.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. **Pesquisa (auto)biográfica: tempo, memória e narrativa.** In: ABRAHÃO, M. H. (org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201-224.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996
- ARAÚJO, José Carlos Souza. **Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino.**
- ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias,** Petrópolis, RJ: Vozes, ed.2, 2014.
- ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite: do trabalho para EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa,** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- BORGES, Liana da Silva. **A Alfabetização de Jovens e Adultos Como Movimento: Um Recorte Na Genealogia do Mova.** 2009. Disponível em <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3626>
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996.**
- BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CALDART, Roseli Salete. **Educação do Campo.** In: CALDART, Roseli Salete.
- CONCEIÇÃO, Daniel Freitas. **A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO MUNICÍPIO DE AMARGOSA- BA.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2021.
- CORRÊA, Arlindo Lopes. **Educação de Massa e Ação Comunitária.** Rio de Janeiro: MOBIL AGGS, 1979.
- DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. **Aventuras do contar(se): narrativas da formação de professores de química à distância. 2019.** Tese(Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática)–Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- FÁVERO, Osmar. **“MEB- Movimento de Educação de Base. Primeiros tempos:1961- 1966.”** In: V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, Évora, Portugal,2004.
- FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961/1966),** Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

FARIAS, Sara Oliveira. **Movimento de Educação de Base (1961-1966): algumas histórias, muitas lutas**, Cadernos do Tempo Presente, n. 26, dez. 2016/jan, p. 29-58 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 26º Ed. RJ: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Medo e Ousadia**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FERRAROTI, F. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, António;

HADDAD, Sérgio. SIQUEIRA, Filomena. **Educação de jovens e adultos no Brasil: 1986-1998**. Revista Brasileira de Alfabetização, Vitória- ES, v. 1, n. 2, jul./dez. 2015.

LAKATOS, Eva Maria. **FUNDAMENTOS DE METODOLOGIA CIENTIFICA** / Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. 6. Ed – 5. reimpr. – São Paulo: Atlas 2007.

LARROSA, Jorge. **A arte da conversa**. In: SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KADT, Emanuel de. **Católicos Radicais no Brasil**, Brasília: UNESCO, MEC, 2007.

OLIVEIRA, L. B.; SOUZA, S. T.. **A alfabetização no Mobral, métodos e materiais didáticos** (Uberlândia/MG, 1970-1985). Revista Acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa, Brasil, São Paulo, volume 1, nº. 13, pp. 11 – 37, Set. 2012. Disponível em: <http://www.acoalfaplp.net/>

PIRES, Angela Monteiro. **Educação do campo como direito humano**, Cortez, São Paulo, p 81-111, 2012.

PEREIRA, Isabel Brasil. FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular**, Rio de Janeiro, São Paulo, 2012.

RANGEL, Elba Alonso. **Jovens e adultos trabalhadores pouco escolarizados no Brasil: problema estrutural para o desenvolvimento nacional**. 2011. Trabalho de Conclusão de curso (Monografia apresentada ao Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra como requisito à obtenção do diploma do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia). Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/Windows%20Seven/Downloads/Jovens%20e%20Adultos%20pouco%20escolarizados%20no%20Brasil%20-%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Windows%20Seven/Downloads/Jovens%20e%20Adultos%20pouco%20escolarizados%20no%20Brasil%20-%20(2).pdf)

REZENDE, Rui. **Amargosa: nossa terra, nossa gente**. Salvador: PS5 edição, 2019

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?**, Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RIBEIRO, Marlene. **Educação Rural**. In: CALDART, Roseli Salette. PEREIRA, Isabel Brasil. FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da Educação do Campo**, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, Rio de Janeiro, São Paulo, 2012.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. (Coleção Ciências e pesquisa em questão).

RICOEUR, Paul. **Temps et récit. Paris: Seuil, 3 tomos, 1983-1985**

ROMANO, R. Brasil: **Igreja contra Estado: crítica ao populismo católico**. São Paulo: Kairós, 1979.

RODRIGUES, Natália. **Estado Novo**. 2016. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/brasil-republicano/estado-novo/>> Educação de Jovens e Adultos - EJA. Canoas, RS: Pallotti, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um estudo sobre as ciências**, São Paulo: Cortez, ed. 5, 2018

SILVA, Ellen Mirele de Jesus. **CONVERSAS DE SALÃO: narrativas de Cabeleireiras sobre beleza, conhecimento químico e outras coisas que tendem a epistemologia do sul**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2022.

SKLIAR, Carlos. **Lo dicho, Lo escrito, Lo ignorado. Ensayos mínimos entre educación, filosofía y literatura**. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Editora Atlas, 11^a Ed., 2009.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2^a Ed. Porto Alegre. Editora: Bookmam, 2001.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO

Prezada Senhora,

Solicito sua autorização para a sua participação do projeto de pesquisa intitulado **ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: deslocamentos, resistências e retrocessos no município de Amargosa/Ba**, de minha responsabilidade, Sandro Moura Oliveira da Anunciação, graduando da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral: Relatar percepções, pensamentos e memórias de uma alfabetizadora do MEB em Amargosa. Para tanto, elegemos a metodologia de enfoque qualitativo, sendo o trabalho configurado como Estudo de Caso. Escolhemos como técnicas de coleta de dados a entrevista e análise de documentos.

A qualquer momento, a senhora poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação da monografia. Endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados. Na eventualidade da participação nesta pesquisa causar qualquer tipo de dano a participante, comprometo-me a reparar este dano, ou prover meios para a reparação. A participação será voluntária, não forneceremos por ela qualquer tipo de pagamento.

Autorização

Eu, _____, declaro que fui informada dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma tanto quanto a publicação da transcrição de áudio e imagens. Sei que a qualquer momento posso revogar esta Autorização, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaro, também, que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta autorização.

Amargosa - Bahia, 19 de Julho de 2022.

Graduando